



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Departamento de Artes Cênicas.

ISADORA MATRICARDE

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E VIVÊNCIAS TEATRAIS:
a Apae de Ouro Preto e o projeto Cia. da Gente

Ouro Preto

2021

ISADORA MATRICARDE

**PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E VIVÊNCIAS TEATRAIS:
a Apae de Ouro Preto e o projeto Cia. da Gente**

Monografia apresentada para a disciplina TCC - Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof. Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini

Ouro Preto
2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isadora Matricarde

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E VIVÊNCIAS TEATRAIS: a Apae de Ouro Preto e o projeto Cia. da Gente

Monografia apresentada ao Curso de Artes Cênicas Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto
como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Artes Cênicas.

Aprovada em 27 de agosto de 2021

Membros da banca

Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Clóvis Domingos dos Santos - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Ernesto Gomes Valença - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Universidade Federal de Ouro Preto

Neide das Graças de Souza Bortolini, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/09/20.



Documento assinado eletronicamente por **Neide das Graças de Souza Bortolini, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/09/2021, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0217269** e o código CRC **C1115124**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.009248/2021-66

SEI nº 0217269

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: 3135591731 - www.ufop.br

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo acerca da parceria entre o Projeto de Extensão Cia. da Gente – Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto/UFOP – e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Ouro Preto “Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani”. Serão apresentados dados históricos e sociais do movimento apaeano em território nacional, estadual e no contexto de Ouro Preto. Trata-se de um estudo que relaciona o trabalho teatral do projeto Cia. da Gente junto à pessoa com deficiência, ao longo dos anos de 2010 a 2020, que se articula à proposta pedagógica da Apae de Ouro Preto. Aborda-se, ainda, a experiência da construção do espetáculo teatral “Os Saltimbancos” (Chico Buarque, 1977), no ano de 2019, para a apresentação do “15º Festival de Arte da Apae,” em que atuei como estagiária e extensionista pelo projeto, ao refletir acerca da vivência teatral no ensino-aprendizagem de alunas e alunos com deficiência.

Palavras-chave: Apae, Cia. da Gente, pedagogia do teatro, Pessoas com Deficiência.

PEOPLE WITH DISABILITY AND DRAMA EXPERIENCES: Ouro Preto’s Apae and the Cia. da Gente Project.

RESUMO

This paper presents a study about the partnership between the extension project Cia. da Gente – Department of Performing Arts, Federal University of Ouro Preto/UFOP – and the Association of Parents and Friends of the Exceptional (Apae) of Ouro Preto “Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani”. Historic and social data of Apae’s role around the country and Ouro Preto’s are shown. This paper is about a case study that involves the theatrical work developed by the project Cia. da Gente with disabled people between 2010 and 2020, which adapts itself to Ouro Preto’s Apae’s teaching proposal. The paper approaches the “Os Saltimbancos” (Chico Buarque, 1977) show, building in 2019, that performed in the 15th Apae’s Art Festival, where I worked as a trainee and university extension student by the project. Therefore, reflecting on the Drama experience within the teaching-learning process of students with disabilities.

Keywords: Apae, Cia. da Gente, theater pedagogy, people with disabilities.

*“Temos o direito a ser iguais quando
a nossa diferença nos inferioriza.
Temos o direito a ser diferentes
quando nossa igualdade nos
descaracteriza. Daí a necessidade
de uma igualdade que reconheça as
diferenças e de uma diferença que
não produza, alimente ou reproduza
desigualdade.”*

- Boaventura Souza Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço, hoje e sempre, ao meu irmão Guilherme M. Matricarde, que sempre está comigo, torcendo, me fortalecendo e me orientando. Meu companheiro. Te admiro!

Agradeço à minha mãe Sonia Borges Cesario e reconheço sua luta para me educar sem medir esforços para que eu tivesse uma educação de qualidade.

Agradeço ao meu pai Junior V. E. Matricarde, que me incentiva e me apoia.

Agradeço à minha madrinha Zilda, pelo seu olhar que, mesmo de longe, cuida de mim.

Agradeço às minhas amigas Bárbara, Joice, Maria S. e Maria C., que sonharam o sonho da universidade comigo.

Agradeço aos meus professores e professoras da “Escola Técnica Estadual Paulino Botelho” por me apresentar algo tão distante, mas tão perto de mim.

Agradeço a Frikote, minha casa de Ouro Preto, pelo acolhimento, pelo afeto, pela atenção e pelo aprendizado.

Agradeço ao Cia. da Gente, à Multicultural e ao Programa de Residência Pedagógica, por todo aprendizado individual e profissional.

Agradeço à Apae de Ouro Preto e toda equipe CAPSij pelo aprendizado, às vivências e todo carinho.

Agradeço aos amigos que encontrei no Cia. da Gente: Lucas e Milena, por me ensinarem tanto! À Giulia por ser minha companheira e amiga. À toda equipe da montagem do espetáculo Rá-tim-bum, por todas as partilhas.

Agradeço a todas as pessoas do DEART e da UFOP pela troca de conhecimentos e pelas oportunidades.

Agradeço às pessoas da cidade de Ouro Preto pelo acolhimento, afeto, consciência e amizade.

Agradeço a Prof.^a Neide pela paciência e cooperação.

Agradeço aos membros da banca pelas preciosas contribuições na leitura do trabalho de conclusão de curso, os professores: Fernanda Silva, Clóvis Domingos e Ernesto Valença.

Sumário

Lista de figuras	6
Lista de gráficos	7
Lista de tabela	8
I. Introdução	9
II. Todos Juntos	13
II.1 A Associação de Pais e Filhos dos Excepcionais	13
II.2 A educação na Apae Brasil	17
II.3 A realidade das Apaes no contexto regional e em Minas Gerais	22
II.4 A Apae de Ouro Preto	25
III. A Cidade Ideal	30
III.1 O Projeto de Extensão Cia. da Gente	30
III.2 Cia. da Gente e a Apae de Ouro Preto	32
IV. Bicharada	40
IV.1 Os Saltimbancos	40
IV.2 O processo criativo	42
IV.3. A montagem e ensaios	44
V. Considerações finais	54
REFERÊNCIAS	58

Lista de figuras

- Figura 1. Linha do tempo elaborada a partir do histórico das instituições de atendimento às pessoas com deficiência de 1854 a 1954. Fonte: BRASIL, 2005. 13
- Figura 2. Foto da cena final do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto: Nicole Tassar. 29
- Figura 3. Linha do tempo registrando os títulos das montagens de espetáculos teatrais da Apae de Ouro Preto em parceria com o Cia. da Gente entre 2010-2019. 33
- Figura 4. Foto do ensaio geral dança da "Galinha" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto: Nicole Tassar. 39
- Figura 5. Foto do ensaio geral, cena do Jumento e do Cão do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar. 39
- Figura 6. Foto da cena da dança do "Jumento" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar. 46
- Figura 7. Foto da cena da dança do "Cão" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar. 47
- Figura 8. Foto da cena da dança da "Galinha" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar. 48
- Figura 9. Foto da cena da dança da "Gata" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar. 49
- Figura 10. Foto da cena da "Cidade Ideal" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar. 53
- Figura 11. Foto da cena dos quatro personagens principais do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto: Nicole Tassar. 57
- Figura 12. Foto da cena da "Pousada bom Barão" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto: Nicole Tassar. 57

Lista de gráficos

Gráfico 1 . Quantidade de Apaes no Brasil por regiões no ano de 2013. Fonte: EDUCERE, 2015, p. 29081. 23

Gráfico 2. Crescimento de Filiadas à rede Mineiras das Apaes por Período de Tempo (em anos). Fonte: (CASCÃO; FRANÇA, 2016, p.9). 24

Lista de tabela

Tabela 1 População com deficiência residente nas macros regiões brasileiras. Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 2010. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3425#resultado> 22

I. Introdução

No Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, o contato da aprendizagem entre docentes em formação e alunas e alunos da Apae, pessoas com deficiência, é possível pela via da arte-educação, a partir do Projeto de Extensão Cia. da Gente, que oportuniza práticas artísticas em instituições de acolhimento social em Ouro Preto e Mariana. Atualmente, este projeto de extensão é composto por discentes e docentes das Artes Cênicas, Música, Pedagogia, Educação Física, Serviço Social e Jornalismo. Assim, no desenvolvimento deste trabalho, será utilizado a expressão sujeito, ao tratar das pessoas com deficiência, uma vez que sujeito pode ser entendido como:

[...] sujeito ativo, constituído socialmente em sua cultura, historicamente situado e emocionalmente envolvido em suas experiências, ideais, valores e perspectivas. Nesse sentido, o sujeito é capaz de construir saberes nos seus processos de existência e ao longo da vida. De modo diferenciado e singular, é capaz de transformar-se a cada dia, para além de sua funcionalidade e dos processos adaptativos que promovem sua aprendizagem e efetiva participação social (FENAPAES, 2021, p.22).

É a partir desta abordagem de pessoas enquanto sujeitos das experiências, que foram realizadas vivências na arte-educação pelo Projeto de Extensão Cia. da Gente, iniciando em 2017, no Centro de Atendimento Psicossocial Infantojuvenil de Ouro Preto (CAPSij¹ Ouro Preto), instituição na qual crianças e adolescentes com deficiência e/ou em vulnerabilidade social são atendidas por um corpo de profissionais formado por psiquiatras, psicólogos(as), assistentes sociais, psicopedagogas, fonoaudiólogas, terapeutas ocupacionais, enfermeiros(as) etc. As intervenções consistiam em práticas de artes visuais, teatrais e musicais que somassem ao plano terapêutico da instituição, buscando, assim, tratamentos mais humanitários que impulsionassem a autonomia, a emancipação e a inclusão social dos sujeitos.

Com o intuito de ampliar as pesquisas e investigações no âmbito das práticas arte-educacionais e na saúde mental, foi realizado o Estágio de Observação, no período entre abril e julho de 2019, no grupo de artesanato de mães (avós, tias, irmãs) e acompanhantes de crianças e adolescentes que são atendidos no CAPSij, chamado “Flor de Mãe”. As atividades do grupo formado por essas acompanhantes que estavam à espera das crianças e adolescentes aconteciam semanalmente, enquanto os(as) filhos(as) eram atendidos pelos profissionais da instituição. O material confeccionado eram tulipas e tiaras de tecidos, vendidas em eventos da saúde mental,

¹ Centro de Atendimento Psicossocial Infanto Juvenil de Ouro Preto – CAPSij, CNPJ 18.295.295/0001-36 localizado na Rua Dom Helvécio, nº 429 no Bairro Cabeças, CEP 35400-000 em Ouro Preto/MG.

assim, com o dinheiro arrecadado era possível comprar mais material e garantir a permanência do grupo. A confecção de produtos neste grupo permitia ir além da prática, ampliava e transformava um lugar de espera para outro: de acolhimento e troca. Vivências e aflições eram compartilhadas, fomentadas pelo companheirismo e pela sensibilidade.

Em continuidade a esse período, seguiram-se as vivências na arte-educação com pessoas com deficiência na Apae Ouro Preto² que se deu entre agosto de 2018 e julho de 2020 pelo Grupo Apae do Projeto de Extensão Cia. da Gente formado pelos estudantes de Artes Cênicas Licenciatura Isadora Matricarde (autora deste Trabalho de Conclusão de Curso), Lucas Rodrigues dos Santos³ e Milena de Souza Martins⁴. Eram realizadas três aulas, com duração de duas horas, que ocorriam todas as sextas-feiras até quando foi deflagrada a pandemia do COVID-19 em março de 2020. Os grupos atendidos eram diversos e havia desde bebês até idosos, com diferentes corpos e distintas condições cognitivas, socioafetivas e de linguagem, assim, era necessária a criação e a adaptação de metodologias que agregassem a maior quantidade de alunos.

Vale destacar a falta de disciplinas que abordem as realidades das pessoas com deficiência e com comprometimentos psicossociais no curso de Artes Cênicas, ou seja, é importante que haja a abertura de conteúdos voltados para a arte-educação inclusiva na matriz curricular, de modo a possibilitar conhecimentos para a atuação de estudantes extensionistas e na formação docente.

As motivações para escrita e desenvolvimento deste trabalho, partem da importância de documentar e tornar público o histórico das Apaes, as experimentações, as inquietações e reflexões decorrentes das vivências artísticas na Apae de Ouro Preto em parceria com o Cia. da Gente, com foco na montagem do espetáculo teatral “Os Saltimbancos”, realizado em 2019, para diálogos entre práticas teatrais e a educação de pessoas com deficiência. Essa temática

² “A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Ouro Preto “Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani”, CNPJ 16.843.062/0001-03 se localiza Rua João Pedro da Silva, 255 - Bauxita - Ouro Preto/MG CEP: 35.400-000.

³ Lucas Rodrigues dos Santos é graduando de Artes Cênicas - Licenciatura na Universidade Federal de Ouro Preto - MG. Atua no projeto de extensão Cia. da Gente, lecionando aulas de teatro na Associação de pais e amigos dos excepcionais de Ouro Preto desde 2019.

⁴ Milena de Souza Martins é graduanda de Artes Cênicas - Licenciatura na Universidade Federal de Ouro Preto - MG. Atua no projeto de extensão Cia. da Gente, lecionando aulas de teatro na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto desde 2018.

auxilia a diminuir barreiras entre a arte-educação, sobretudo do teatro, entre pessoas com deficiência, seus familiares e o público em geral.

Além disso, este trabalho mostra a necessidade e a importância de se criar espaço em pedagogias do teatro e, especialmente, na matriz curricular do curso de Artes Cênicas (UFOP), tendo em vista a demanda existente por professores que possam ofertar disciplinas que tratem do teatro com pessoas com deficiência. Os docentes em formação que atuam no Cia. da Gente lecionam nesses espaços de diversidades, de pessoas com deficiência quase sem nenhuma base estruturada em conhecimentos específicos e, por isso, é preciso incluí-los na licenciatura em Artes Cênicas. Ademais, outra motivação para esta escrita é a necessidade de salientar a Apae como instituição formadora de professores e pesquisadores, o que começa a se estender para chamada curricularização⁵ dos projetos de extensão.

No segundo capítulo deste trabalho é retomada a trajetória histórica das Apaes em nível nacional, estadual e municipal, com o objetivo de demonstrar e reconhecer a dimensão do movimento apaeano, seu impacto social, educacional e profissional no desenvolvimento da pessoa com deficiência, o que se estende desde os sujeitos envolvidos aos seus contextos: familiar, educacional e comunitário.

Partindo dessa dimensão, no terceiro capítulo é contextualizado o Projeto de Extensão Cia. da Gente e a parceria com a Apae de Ouro Preto, buscando salientar a importância dessa união para a construção e a permanência das práticas cênicas, da continuidade dos espetáculos teatrais apresentados todo final de ano no Festival de Artes da Apae. Também é realizado um estudo acerca das encenações no período de 2010 a 2020, ressaltando as diferentes propostas pedagógicas e teatrais nas montagens.

Assim, no quarto capítulo, tendo como o base a montagem “Os Saltimbancos”, no ano de 2019 – um texto cênico musical adaptado por Chico Buarque (1977) – há a reflexão sobre a construção e ensaios, dificuldades e limitações, parcerias e conquistas desse processo. Por fim, apresento as reflexões, os impactos e as diferenciações entre as encenações realizadas com pessoas com deficiência da Apae.

Nas considerações finais aponta-se a importância do movimento apaeano, assim como a necessidade da parceria com projetos artísticos e culturais para o público atendido por essa

⁵ Curricularização da Extensão é o processo de inclusão de atividade da extensão obrigatória nas matrizes curriculares dos cursos.

instituição. Ademais, é feita uma reflexão acerca das diversas construções dos espetáculos ao se pensar investigações de processos colaborativos ou cooperativos para a inclusão de pessoas com deficiência.

Se na matriz curricular do curso de Artes Cênicas não há disciplinas específicas⁶ que abordem práticas teatrais com pessoas com deficiência, há o projeto Cia. da Gente que possibilita o trabalho integrado com a Apae, que tem gerado publicações e Trabalhos de Conclusão de Curso, como se pode ver ao longo desta monografia. A dissertação de mestrado de Fabiana Siqueira Silva (UFOP) também favoreceu enormemente esta pesquisa por apresentar os paradoxos da existência das Apaes, entre outros estudos.

O termo que mais se adequa a este trabalho, por motivos sociais e políticos, é pessoas com deficiência, conforme se pode ver na definição da Fenapaes:

Deficiência é um conceito em evolução, entendida como resultado da interação entre os impedimentos corporais das pessoas e as barreiras atitudinais e ambientais que impedem sua plena e efetiva participação na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (FENAPAES, 2021, p.14).

Por isso este é o termo que será usado ao longo desta monografia.

⁶ Há disciplinas que perpassam nestes lugares, como as disciplinas de: “Pedagogia do Teatro III: Educação Não Formal”, “Seminários de Pedagogia do Teatro” e as discussões nos Estágios Curriculares.

II. Todos Juntos

Todos juntos somos fortes/ Somos flecha e somos arco/ Todos nós no mesmo barco/ Não há nada pra temer. Fonte: Todos Juntos, “Os Saltimbancos” – Chico Buarque.

II.1 A Associação de Pais e Filhos dos Excepcionais

Para contextualizar historicamente este trabalho, se faz necessário entender o importantíssimo movimento histórico da Apae que se inicia em 1954 e que, a partir daí, se amplia enormemente por todo Brasil. Serão utilizados para esse histórico os dados mais atuais da Federação Nacional das Apaes, entre outros documentos disponíveis.

O atendimento à pessoa com deficiência, historicamente, se iniciou em instituições de cunho clínico terapêutico. Segundo o texto do documento “A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva”⁷, é possível fazer uma síntese cronológica desde o surgimento de instituições para atendimento das pessoas com deficiência até a criação da primeira Apae. Com base neste documento apresento o seguinte fluxograma para dar uma ideia desta síntese histórica.

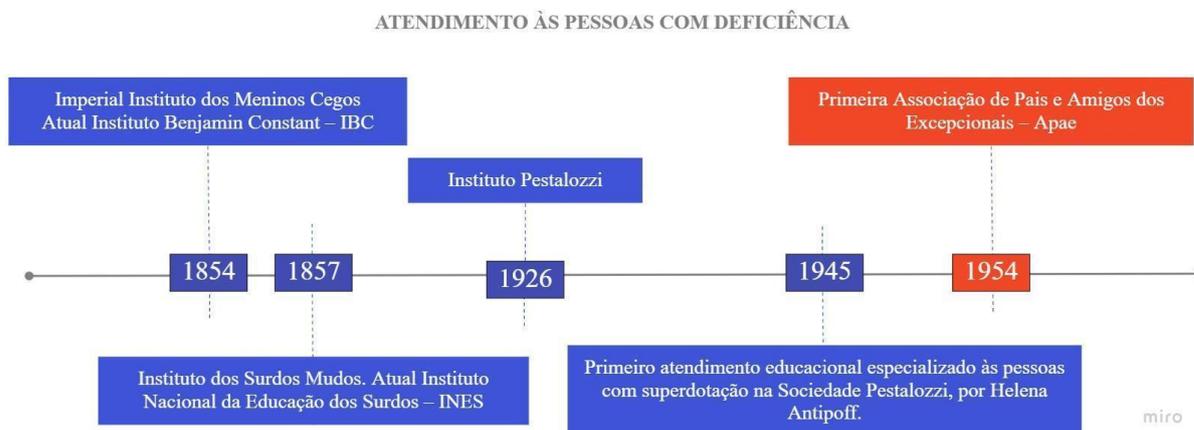


Figura 1. Linha do tempo elaborada a partir do histórico das instituições de atendimento às pessoas com deficiência de 1854 a 1954. Fonte: BRASIL, 2005.

⁷ Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação Fernando Haddad em 07 de janeiro de 2008. OSÓRIO, Antônio C. do Nascimento; BAPTISTA, Cláudio Roberto; FLEITH, Denise de Souza; MANZINI, Eduardo José; ALEMIDA, Maria Amélia; MANTOAN, Maria Teresa Egler; FIGUEIREDO, Rita Vieira de; QUADROS, Ronice Muller; FREITAS, Soraia Napoleão *et alli*. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso dia 08 de junho de 2021.

As instituições de educação para pessoas com deficiência surgem muito depois da primeira instituição clínica terapêutica destinada a este público. Entender este movimento facilita a reflexão acerca da construção de uma educação especializada a partir das clínicas que tinham o propósito de cuidar da saúde das Pessoas com Deficiência Intelectual⁸ e Múltipla,⁹ termo utilizado em documentos oficiais da rede Apae que se intitula “Política de Atenção Integral e Integrada da Rede Apae”¹⁰.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae surge em 1954 no Rio de Janeiro, quando o casal norte americano, Beatrice e George Bemis, diplomatas representantes dos Estados Unidos, chegam ao Brasil com o filho que tinha Síndrome de Down e constata a inexistência de uma instituição que os acolhesse. Portanto, a Apae nasce da junção de amigos e familiares de pessoas excepcionais com o intuito de criar um órgão que prestasse atendimento a pessoas com deficiência. Além do espaço cedido pela Sociedade Pestalozzi do Brasil, a primeira Apae recebeu também o apoio pedagógico da mesma para formar as duas primeiras turmas de vinte crianças com diversas deficiências (EDUCERE, 2015, p.29.075).

Ao longo dessa história houve novos e diversos processos de ampliação e democratização da educação básica comum e, no entanto, fica perceptível que nesses espaços escolares institucionalizados não se incluíam pessoas com deficiência. Assim, entende-se que, apesar da abertura para todos os grupos sociais, não foram criadas políticas públicas efetivas que incluíssem alunos e alunas de grupos minoritários ou aqueles com os chamados problemas graves de aprendizagem. Assim, quando se pensa em grupos majoritários de discentes como referencial para todos, se exclui a diversidade de corpos, as especificidades e outras realidades. Se iniciou, desta forma paradoxal, uma educação especial que opera como substitutivo do ensino comum, baseado em conceitos de “normalidade/anormalidade”, afirmando a ideia da

⁸ “Pessoa em situação de deficiência com impedimento de natureza intelectual: aquela com impedimento de longo prazo de natureza intelectual que, em interação com barreiras físicas, sociais e atitudinais, podem ter obstruída sua plena e efetiva participação na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (FENAPAES, 2021, p.30).

⁹ “Pessoa em situação de deficiência com impedimentos de natureza múltipla: aquela com impedimento de longo prazo de natureza intelectual associado a um ou mais impedimentos de natureza física, sensorial ou mental que, em interação com barreiras físicas, sociais e atitudinais, podem ter obstruída sua plena e efetiva participação na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Os impedimentos de natureza múltipla contemplados nesta política associam as condições de impedimento intelectual aos demais especificados, expressos segundo as singularidades da pessoa” (FENAPAES, 2021, p.31).

¹⁰ O texto “Política de Atenção Integral e Integrada da Rede Apae” é um documento que aponta leis, diretrizes e realizações do movimento apaeano, além de exemplificar o funcionamento das instituições, bem como serviços e propostas ofertadas. Equipe elaboradora: CARVALHO, Erenice Natália S. de – Coordenadora; NETO, Erivaldo Fernandes; FIORE, Ivone Maggioni; OLIVEIRA, Maria Helena Alcântara de *et alli*. Brasília: Apae Brasil, Fenapaes, 2021. Disponível em: <https://media.apaebrasil.org.br/FENAPAES-CARTILHA-POLITICA-DE-ATENCAO-INTEGRAL-E-INTEGRADA-DA-REDE-APAE-Web.pdf>. Acesso em 26 de junho de 2021.

necessidade de diagnóstico clínico para orientar as pedagogias insurgentes (BRASIL, 2008, p.7).

Assim, na mesma direção em que o movimento apaeano entendia que pessoas com deficiências intelectuais e múltiplas eram diferentes dos demais e que deveriam ganhar atendimento específico, as escolas de ensino básico excluíaam estes alunos justamente por não terem o mesmo entendimento e nem recursos físicos e humanos voltados para as especificidades desses alunos e alunas. Se por um lado faltava conhecimento destas realidades específicas, por outro, também havia forte preconceito na sociedade, o que se reflete nas escolas.

Este movimento permitiu o surgimento da Apae em outras capitais, se difundindo depois para os interiores, com grande crescimento, fazendo que entre os anos de 1954 e 1962 surgissem dezesseis Apaes espalhadas pelo Brasil. Por isso, com o intuito de criar uma organização que articulasse o movimento, tendo em vista a grande demanda pelos serviços dessa instituição, criou-se em São Paulo, a Federação Nacional das Apaes – Fenapaes no dia 10 de novembro de 1962 (EDUCERE, 2015, p. 29076).

Atualmente, a Apae Brasil é formada pela Federação Nacional das Apaes (Fenapaes) e conta “com 25 Federações Estaduais (Feapaes) e com um número ampliado de escolas: 2.182 Apaes, situadas em municípios das unidades federadas” (BRASIL, 2021, p.35). É perceptível que o grande aumento de filiais desta instituição em todo o território brasileiro se deve à necessidade de se ter uma instituição que prestasse atendimento à pessoa com deficiência englobando saúde, assistência social, educacional e profissional. Assim, apesar da existência de outras instituições como o próprio Instituto Pestalozzi, a Apae ganha grande visibilidade e ampliação por dois pontos: primeiro, a grande articulação das famílias, amigos e excepcionais no movimento para a perpetuação e criação de novas Apaes no território brasileiro e, em segundo, a demanda por uma instituição de atendesse à pessoa com deficiência, onde se englobasse os pontos já citados, nas especificidades que o próprio Estado não conseguia suprir. Os dados mostram a importância social, econômica e de saúde pública quando revelam o alcance das Apaes:

Atualmente, realiza cerca de 23.694.703 atendimentos anuais nas áreas de assistência social, saúde, educação e inclusão no mundo do trabalho, mediante 3.656 serviços organizados para pessoas em situação de deficiência com impedimentos de natureza intelectual e múltipla e suas famílias. Em pesquisa nas bases de dados do governo federal, a Fenapaes identificou atendimentos realizados pelas unidades apaeanas, em âmbito nacional, relativos às 1.956 unidades de Apaes habilitadas, pelos órgãos oficiais responsáveis pelas Políticas Públicas no país (FENAPAES, 2021, p. 35).”

A Apae se destaca por seus atendimentos nos âmbitos da Assistência Social, da educação, da habilitação e da reabilitação em saúde, bem como da inserção social das pessoas com deficiência como aponta o seguinte documento:

[...] atua como organização de Assistência Social, certificada conforme a Lei nº 12.101/2009 e atualizada pela Lei nº 12.868/2013, que trata da certificação das entidades de habilitação e reabilitação da pessoa com deficiência e de promoção da sua inclusão à vida comunitária, definida pela Resolução do CNAS nº 34/2011. Caracteriza-se, segundo a Lei nº 13.019/2014 (art. 2º), como Organização da Sociedade Civil (OSC) (FENAPAES, 2021, p. 34-35).

É preciso ressaltar, ainda, a missão institucional da Apae de promover a inclusão, a defesa e a prevenção dos direitos da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla que passaram por um processo de exclusão social e educativa, com dificuldades de acesso ao sistema de saúde e profissional. Neste sentido, a Apae atua na validação das políticas públicas em três aspectos: Atenção em Assistência Social; Atenção em Saúde e Atenção em Educação. Tais termos são melhor definidos a seguir:

A. Atenção em Assistência Social: responsável por desenvolver estratégias, juntamente com as outras áreas, para melhorar a qualidade de vida do sujeito, promover a inclusão e a garantia de direitos e suporte à pessoa com deficiência;

B. Atenção em Saúde: se refere ao acompanhamento de profissionais especializados em busca da prevenção à reabilitação. A Apae conta com “23.583.092 procedimentos de saúde realizados no país pela Rede Apae Brasil, ao seu público-alvo e à comunidade, segundo dados do SIASUS, em 2019” (FENAPAES, 2021, p.41). Os serviços oferecidos nos polos seguem a demanda dos alunos e de toda comunidade que usufruem os serviços dessas instituições;

C. Atenção em Educação: é oficialmente registrada pelo INEP/Censo escolar, como oferta de: “educação escolar (escola especial, doravante denominada escola especializada); Atendimento Educacional Especializado, como apoio à inclusão escolar na escola comum e às atividades complementares (arte, desporto e lazer)” (FENAPAES, 2021, p.41), tendo como objetivo a garantia da igualdade de oportunidade dos demais estudantes. No total, são 1.327 Apaes ofertadas de educação escolar e 855 Atendimento Educacional Especializado (AEE) (FENAPAES, 2021, p.41-42).

A Apae utiliza de perspectivas diferentes de ensino com o intuito de orientar o atendimento educacional de acordo com as necessidades e potencialidades dos discentes, buscando, assim, a igualdade de desenvolvimento a cada um. É perceptível, portanto, o impacto e a importância da Apae na educação, voltando-se ainda a uma educação especializada para pessoas com deficiência. É necessário conhecer essas perspectivas de ensino e entender o impacto da proposta pedagógica do projeto teatral nesse movimento.

II.2 A educação na Apae Brasil

Neste estudo há o interesse pelas experiências teatrais no campo educacional, bem como suas inquietações e reverberações, e neste subcapítulo visa-se o conhecimento de documentos oficiais que asseguram o direito do ensino nas Apaes, bem como a forma como é estruturado o ensino nesta instituição. As leis e normativas que viabilizam o ensino podem ser mais detalhadas, entretanto, o interesse aqui é apresentar alguns de seus aspectos.

A Fenapaes, no documento Política de Atenção Integral e Integrada da Rede Apae, trata das seguintes leis e normas relevantes que asseguram o movimento educacional em suas instituições, sendo eles:

- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988;
- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência;
- Lei nº 9.394/1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) atualizada;
- Declaração de Incheon – Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável;
- Plano Nacional de Educação 2014-2024;
- Decreto nº 7.611/2011;
- Parecer CNE/CEB nº 17/2001;
- Resolução CNE/CEB nº 02 /2001;
- Resolução CNE/CEB nº 04/2009;
- Lei Brasileira de Inclusão (LBI).¹¹

É perceptível a grande luta pelos direitos da pessoa com deficiência à educação, bem como o direito de ser reconhecida como sujeito singular, formada por sentimentos, conflitos, vontades e agente transformador. Observamos que essa luta se evidencia na Constituição Federal e se prolonga aos dias atuais, buscando criar e vigorar políticas públicas a fim de garantir os direitos de pessoas que fogem do padrão estabelecido como normal, em ocupar lugares e serem reconhecidas em sociedade.

¹¹ Para maiores esclarecimentos sobre essa dimensão legal, conferir em FENAPAES, 2021, p74.

Assim, entendendo as diversas especificidades deste grupo e a necessidade de uma educação que a respeite e que se transforme para incluir e desenvolver, a Apae cria uma estrutura educacional buscando englobar as diversas ramificações da educação ao trabalhar integrando assim o sujeito e o corpo coletivo – família, escola e sociedade.

Como dito anteriormente, a Apae Brasil busca oportunizar a igualdade de desenvolvimento para todos os alunos e alunas, e ao entender as diferentes especificidades e faixas etárias dentro do público que a própria instituição atende, houve a necessidade de se criar propostas educacionais diversas. Nesse sentido, funciona em cada instituição: Escola Comum, Escola Especializada, Centro de Atendimento Educacional Especializado e Espaços de Formação e Pesquisa. Assim, com o intuito de garantir e defender os direitos à educação e ao desenvolvimento, as Apaes propõem uma flexibilidade nos modelos, trabalhando com ações, planos e projetos propondo diferenciação nos elementos curriculares e nas práticas pedagógicas (FENAPAES, 2021, p.71).

A Apae reitera a importância para a integração e existência de pessoas com deficiência nas instituições educacionais comuns, assim, o Programa de Atendimento Educacional Especializado tem o intuito de dar apoio às crianças e adolescentes com deficiência que frequentam a rede básica de educação regular. Tem o objetivo, portanto, de oferecer apoio ao desenvolvimento integral dos alunos, com a oferta de componentes curriculares tais como educação física, educação artística e ações que promovem a inclusão efetiva nos espaços escolares, de forma a não substituir o ensino comum, mas buscar desenvolvimento efetivo de aprendizagem e participação no contexto escolar (FENAPAES, 2021, p.73).

O conceito e a operacionalização do Atendimento Educacional Especializado (AEE) definem suas funções, que incluem a disponibilização de serviços e recursos de acessibilidade e estratégias pedagógicas que eliminem barreiras à aprendizagem, ao desenvolvimento e à participação do estudante na escola, na perspectiva de sua inclusão social mais ampla (FENAPAES, 2021, p.73).

Desse modo, se evidencia o compromisso com a inclusão escolar da atenção à pessoa com deficiência, propondo um intercâmbio entre comunidade e escola, além da formação de profissionais da escola para a consolidação de uma educação inclusiva. É necessário o apoio, e o fortalecimento entre corpo escolar, Apae e família para possibilitar uma educação de qualidade ao desenvolvimento do aluno e aluna com deficiência (FENAPAES, 2021, p.73-74). Os Centros de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) destinam-se à oferta do Atendimento Educacional Especializado, complementando ainda, a classe comum no

contraturno das aulas, o que foi normatizado pelo Decreto nº 7611/2011, ao permitir e assegurar aos alunos ter duas matrículas (FENAPAES, 2021, p.74).

De fato, a Apae enfatiza e luta pela inclusão de pessoas com deficiência dentro de espaços educacionais comuns, entretanto, o objetivo principal da Apae é fornecer um espaço de educação possível para o desenvolvimento do aluno respeitando e valorizando suas especificidades. Assim, existem alunos e alunas que, após uma avaliação biopsicossocial, se afirma a necessidade de uma educação especializada. A escola especializada, portanto, caracteriza-se pela especialização pedagógica no ensino e aprendizagem de seu público-alvo e tem caráter transitório” (FENAPAES, 2021, p.74). Desse modo:

A meta é que todos os estudantes estejam na escola comum inclusiva, no entanto, quando o contexto social e os impedimentos individuais não tornarem isso possível, considera-se que a escola especializada cumpre a função de inclusão escolar (FENAPAES, 2021, p. 76).

Vê-se a importante parceria que deve existir entre escolas comuns e o ensino especializado para que ocorra a integração e inclusão da pessoa com deficiência dentro de espaços que, majoritariamente, estão presentes crianças e adolescentes que não utilizam os serviços das Apaes.

Em relação aos discentes que fazem uso da educação especializada, são aqueles que apresentam “limitações funcionais em níveis elevados, nas habilidades intelectuais e adaptativas, resultando em significativas restrições, quando considerados em relação aos demais colegas da turma” (FENAPAES,2021, p.75) englobando, portanto, aqueles discentes que apresentem:

- Impedimentos intelectuais, mentais e transtornos do espectro autista em níveis significativos apresentados por estudantes que integram seu público-alvo;
- Necessidade de apoios especializados inexistentes ou insuficientes nas escolas convencionais no território;
- Barreiras sociais, atitudinais e operacionais que dificultam sua aprendizagem, seu desenvolvimento e sua plena participação em igualdade de condições que os demais colegas na escola comum (FENAPAES, 2021, p.75).

Entendendo a diferença entre o Atendimento Educacional Especializado e a Educação Especializada, vale a pena compreender que essas modalidades de ensino têm subdivisões como aquelas presentes na escola comum: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos – EJA. Para orientação das práticas pedagógicas na Educação Infantil segue-

se a Base Nacional Comum e Curricular (BNCC, MEC); sendo assim, na Educação Infantil a proposta pedagógica corre em torno dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo eles: direito a conviver; a brincar; a participar; a explorar; a expressar e a conhecer-se. A partir disso, se estabelecem cinco campos de experiências, onde são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, que são organizados em duas faixas etárias: de zero a três anos e de quatro a cinco (FENAPAES, 2021, p. 78).

Já no Ensino Fundamental, a Apae deixa explícito, de acordo com a Política de Atenção Integral e Integrada da Rede Apae, o interesse em manter seus alunos e alunas nas escolas comuns, propondo assim, Atendimento Educacional Especializado a este público. Entretanto, ela entende que não é em todos os casos que isso é possível, portanto, para aqueles que “apresentam graves comprometimentos funcionais e demandas de mediação docente e apoios humanos e operacionais intensos, contínuos e amplos, não disponíveis ou insuficientemente oferecidos pela escola comum” (FENAPAES, 2021, p.79) é possível realizar a matrícula nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A certificação de conclusão, bem como toda trajetória do aluno ou aluna, é acompanhada pela avaliação da equipe técnico-pedagógica em conjunto com a família e discente, seguindo as normas dos conselhos de educação (FENAPAES, 2021, p.79-80).

Bem como no Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos, é de interesse da Apae que estes discentes frequentem uma escola comum e que faça Atendimento Educacional Especializado, mas entende que existem complexidades do público atendido. Há nesta modalidade, como a anterior, um período para a sua formação, que é orientado pela equipe pedagógica que trabalha juntamente com a família e com o estudante. Além disso, reforça a importância do contato com a legislação local para constatar a certificação de conclusão desta modalidade (FENAPAES, 2021, p.80-p.81).

O Programa de Educação e Aprendizado ao Longo da Vida é disponível a todo público-alvo da Apae e aberto à comunidade exterior da instituição. Apesar do formato contendo plano pedagógico, não se exclui a necessidade do aluno ou aluna de cursar a escola comum ou especializada, afinal, o programa não substitui o processo escolar comum, ou ainda, não é considerado uma continuação da escola (FENAPAES, 2021, p.81).

O Projeto de Vida busca propor que o estudante seja protagonista da sua própria história, possibilitando que ele mesmo possa realizar suas próprias escolhas, além de desenvolver habilidades e adquirir certificação de saberes (FENAPAES, 2021, p.81). Além disso, a proposta tem tempo determinado, na qual as ações têm um início, meio e fim. As propostas são

articuladas em quatro pilares da educação que se aproximam dos princípios da Escola Nova¹²: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser”, (FENAPAES, 2021, p.82) construindo assim uma sociedade educativa oportunizando o desenvolvimento para além do meio educacional, mas na vida econômica, social e cultural, sendo a família coparticipante neste processo (FENAPAES, 2021, p.82).

No início dessa estrutura, se apresenta o Mapa de Aprendizagem que é “responsável por orientar o desenvolvimento pedagógico a ser realizado pelo estudante” (FENAPAES, 2021, p.82) dividido em três eixos, sendo eles habilidades conceituais, socioemocionais e práticas, as quais são definidas a partir da BNCC. Dando continuidade no processo, orientada pelo Mapa de Aprendizagem, há a Metodologia de Reconhecimento de Saberes, que “descreve a prática pedagógica com o objetivo de reconhecer os saberes adquiridos [...], a fim de compreender o que eles sabem e quais habilidades precisam desenvolver em relação aos seus Projetos de Vida” (FENAPAES, 2021, p.82). E por último, há as Propostas Pedagógicas que se utilizam da aprendizagem de cunho formal, não formal e informal para colocar em prática as ações.

Por último o apontamento de dentro da construção do ensino dentro das instituições apaeanas, finalizaremos com o Planejamento Educacional Individualizado – PEI. O PEI é um documento que personaliza as ações pedagógicas dos sujeitos que frequentam a educação especial, dentro dos CAEEs e para aqueles que frequentem a escola comum em aliança com as Apaes e a secretaria local (FENAPAES, 2021, p.83).

Consiste em um instrumento de registro do planejamento e acompanhamento do processo educacional e escolar do estudante, elaborado pelos professores regentes e especializados, com participação da equipe técnico-pedagógica, quando houver, contando com a participação da família e dos próprios estudantes, conforme suas condições (FENAPAES, 2021, p.83).

Conhecendo, portanto, o trabalho desenvolvido pela Apae Brasil, é importante afunilar a pesquisa para nível estadual e, posteriormente, nível municipal, para o entendimento da importância da prática teatral no contexto apaeano, de forma a chegar no contexto ouro-pretano.

¹² Escola Nova surge no final do século XIX e no Brasil no século XX, em contraposição à escola tradicional (pedagogia da essência), buscando acompanhar os compassos do mundo e, assim, pode ser entendida de acordo com Maria Lúcia Arruda Aranha: “Daí o caráter psicológico da pedagogia da existência, na qual a criança não é mais o objeto da educação, mas o seu sujeito. Isto é, a criança passa ser o centro do processo (pedocentrismo), sendo importante descobrir quais são suas necessidades e estimular sua própria atividade. Portanto, a criança não é mais considerada uma miniatura do adulto, não é inacabada, e deve ser atendida a partir das especificidades da sua natureza infantil” (ARANHA, 1989, p.108).

II.3 A realidade das Apaes no contexto regional e em Minas Gerais

É possível ver a dimensão do movimento apaeano e da rede de apoio que se criou e resiste atualmente. É fato que este movimento teve abrangência nacional, entretanto, é necessário entender a distribuição das instituições pelos estados e suas correlações com o sistema econômico que, muitas vezes, definem a acessibilidade, tanto para a saúde quanto para o sistema educacional e para o universo profissional. Assim, no quadro abaixo, segundo o Censo de 2010, é dada a proporção de pessoas com deficiência por população de cada estado brasileiro:

Tabela 1 População com deficiência residente nas macrorregiões brasileiras. Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 2010. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3425#resultado>

População com deficiência residente nas macrorregiões brasileiras	
Norte	15.864.454
Nordeste	53.081.950
Sudeste	80.364.410
Sul	27.386.891
Centro-Oeste	14.058.094
Brasil (Total)	190.755.799

Pela Tabela 1 é possível visualizar a quantidade de pessoas com deficiência por macrorregiões no Brasil. É perceptível, portanto, que a região Sudeste aparece na frente com o maior índice de pessoas com deficiência – o que é compreensível tendo em vista que esta região tem a maior população do país, ficando com 44% da população brasileira; logo em seguida vem a região Nordeste e, subsequentemente, o Sul, Centro-Oeste e Norte.

Entretanto, o que se pode verificar é que o surgimento e a permanência das Apaes não são correspondentes às demandas de atendimentos a essas pessoas. O gráfico a seguir (Figura 3) representa a quantidade de Apaes por macrorregiões no ano de 2013.

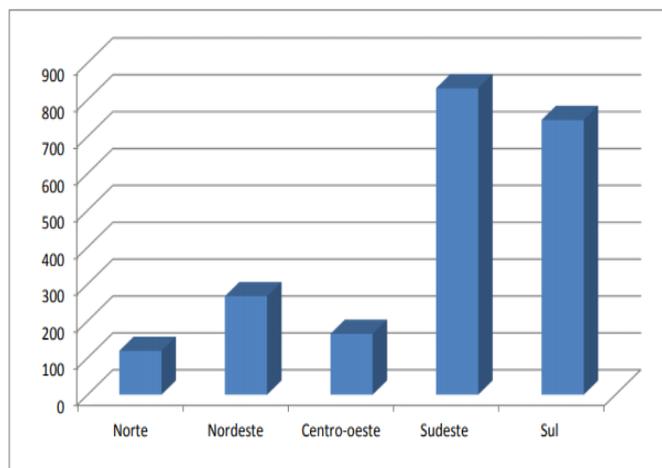


Gráfico 1 . Quantidade de Apaes no Brasil por regiões no ano de 2013. Fonte: EDUCERE, 2015, p. 29081.

É possível observar que a região com mais Apaes é a região Sudeste, lugar com maior população e PIB *per capita* do país. Logo depois, aparece o Sul, a região que ocupa o segundo lugar com maior número de pessoas com deficiência. Na sequência vem o Centro-Oeste e depois o Norte. Além da falta dessa instituição de acordo com a demanda, existe uma grande discrepância entre as quantidades de instituições no Sudeste e no Sul se comparado com as outras regiões. A diferença entre a região Sul com a região Nordeste é muito significativa: o Nordeste possui 25 milhões de pessoas com deficiência a mais do que a região Sul, entretanto, a região Sul possui cerca de quinhentas Apaes a mais do que a região Nordeste, e se pergunta: por que desta diferença ser tão grande se a demanda é quase o dobro?

Esta contraposição pode ser resultado de uma diferenciação de níveis econômicos e sociais entre as regiões brasileiras, logo há pessoas com deficiência duplamente excluídas. É necessário refletir sobre a relação de iniciativas privadas e públicas como mantenedoras para a expansão e continuação das Apaes entre outras possibilidades inclusivas.

Observando a região Sudeste, que apresenta o maior índice de Apaes do país sendo Minas Gerais, com 429 Apaes¹³ e filiadas, a líder no território brasileiro. Essa história iniciou-se em 1956, na cidade de São Lourenço, onde surgiu, a partir do estímulo da Professora Helena Antipoff¹⁴, a primeira Apae mineira. Com a grande demanda, durante a década de sessenta,

¹³ Disponível em <<https://media.apaebrasil.org.br/Apaes-de-A-Z.pdf>> Acesso em 15 de junho de 2021.

¹⁴ Helena Wladimirna Antipoff natural de Grodno, na Rússia. Helena nasceu em 25 de março de 1892 e viveu mais de 40 anos no Brasil, vindo a falecer em 9 de agosto de 1974. “Veio para o Brasil, em 1929 a convite do Secretário de Educação e Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, Francisco Campos, no governo de Antônio Carlos de Andrada, para ser professora de Psicologia Educacional na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. Fundou em Belo Horizonte o 1º Laboratório de Psicologia Aplicada na América do Sul. Esse Laboratório, sob sua direção, promoveu a organização das classes nos grupos escolares de Belo Horizonte e em diversos outros grupos

logo, a rede se ampliou principalmente na região Sul e no Triângulo Mineiro, se difundindo, posteriormente, pelas regiões Central, Zona da Mata, Noroeste e Rio Doce (MINAS GERAIS, 2014, p. 7).

A partir daí este movimento foi se difundindo na década de noventa pelo Alto da Paraíba, Vale do Jequitinhonha e Mucuri, tendo um crescimento de 75% em relação à década anterior (CASCÃO; FRANÇA, 2016, p.9) e chegando a esta realidade nos anos 2000.

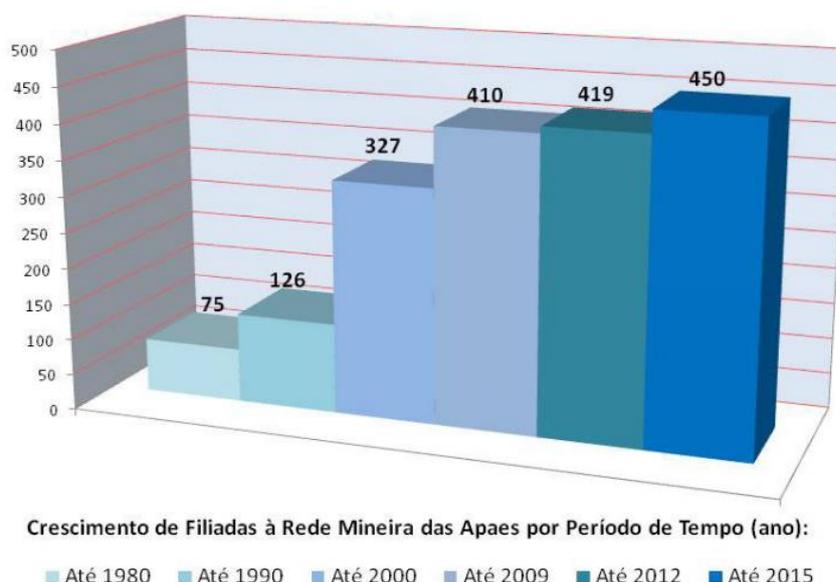


Gráfico 2. Crescimento de Filiadas à rede Mineiras das Apaes por Período de Tempo (em anos). Fonte: (CASCÃO; FRANÇA, 2016, p.9).

No Gráfico 2 observa-se a grande expansão das Apaes no território mineiro entre 1980 e 2015, dando visibilidade aos números que partem de setenta e cinco unidades, ampliando-se para 450 unidades em apenas 35 anos. Compreendendo a grande composição de instituições no estado de Minas Gerais, é importante entender que além das Federações Estaduais, as Apaes se estruturam em Conselhos Regionais, que são “regiões administrativas levando em conta a proximidade geográfica e a facilidade de acesso entre elas” (MINAS GERAIS, 2014, p. 97).

no interior do Estado, de acordo com o critério do desenvolvimento mental, da idade cronológica e da escolaridade. A existência de um grande número de excepcionais tornou-se assim patente, e daí surgiram as classes especiais e a criação da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais em 1932. Já na década de 1930, D. Helena fazia ver a necessidade de criar Jardins de Infância e chegou a fundar alguns em Minas, formando professores especializados, reconhecendo a importância do atendimento ao pré-escolar, dentro do conceito, hoje, cientificamente comprovado da formação intelectual e emocional da criança realizar-se em seus primeiros anos de vida. Em 1947, Helena começou a luta pelas crianças do campo.” Disponível em: <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/helena-antipoff> Acesso em 10 de julho de 2021.

Minas Gerais conta com trinta e cinco conselhos, que buscam se conectar, se fortalecer, trocar conhecimentos e se manter resistentes como instituição (CASCÃO; FRANÇA, 2016, p. 10). É muito importante verificar a demanda crescente por espaços de atenção às pessoas com deficiência também neste contexto estadual, conforme apontam esses dados.

II.4 A Apae de Ouro Preto

Este subcapítulo tem como referência parte da dissertação de mestrado de Fabiana Siqueira Silva¹⁵ pelo rico e completo material sobre o surgimento, estrutura e funcionamento da Apae de Ouro Preto que a pesquisadora apresenta, somando com a discussão abordada em torno da necessidade de políticas educacionais inclusivas para pessoas com deficiência.

Assim, como o surgimento da primeira Apae, é provável que em Ouro Preto os profissionais da saúde estejam entre os primeiros a prestar atendimento à pessoa com deficiência baseados em um modelo clínico. Fundada em 17 de novembro de 1982, a Apae de Ouro Preto foi nomeada “Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Ouro Preto – “Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani”. Seu nome é uma homenagem ao farmacêutico Hélio Harmendani que “ficou encarregado de conduzir os trabalhos, sendo também integrante da comissão responsável pela elaboração do Estatuto Social, que regeria a instituição criada” (SILVA, 2017, p.71), uma ação tomada pelos vinte e oito associados presentes naquele momento.

Assim como relata Fabiana Silva, a Apae de Ouro Preto se iniciou com um pequeno quadro de profissionais, sendo duas professoras especializadas e quatro voluntárias. No ano seguinte à sua inauguração, foi feito o seguinte registro acerca da instituição: “obteve registro de Pessoa Jurídica no Livro A1 nº. 94, em 13 de junho de 1983. Em 1984, por meio de uma lei municipal, foi denominada como uma instituição de utilidade pública (2014, p.72). Entretanto, foi em 1992 que a Apae de Ouro Preto se filiou à Federação Nacional das Apaes – Fenapaes, eleita em 2001 como utilidade pública em nível federal (SILVA, 2017, p.72).

Por meio destes reconhecimentos foi que a Apae deixou de sobreviver apenas com donativos e “passou a ter cadastro na Secretaria de Estado de Trabalho e Assistência Social

¹⁵ “O CONGADO NA EXPERIÊNCIA ESCOLAR DA APAE DE OURO PRETO: Um estudo de caso sobre a cultura congadeira no contexto da educação especial” publicado em Mariana, 2017, sob orientação do Prof. Dr. Marcus Vinícius Fonseca do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto.

(SETAS), registro no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e é autorizada, pela Secretaria de Estado de Educação, para seu pleno funcionamento” (SILVA, 2017, p.72). Atualmente, a Apae de Ouro Preto recebe apoio público local, tal como se documenta: “[...] conta com a colaboração da Prefeitura Municipal e de demais órgãos que auxiliaram no arrecadamento de recursos” (SILVA, 2017, p.72). Para além disso, a instituição conta com a parceria da “Fundação Gorceix, de sócios contribuintes da comunidade ouro-pretana, da Conselho Municipal da Criança e Adolescente de Ouro Preto, da Beneficência Padre Pedro Àrbues, do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto e da Universidade Federal de Ouro Preto” (SILVA, 2017, p.73).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2013-2016, p. 12), a APAE-OP revela ter como compromisso oferecer ao aluno um ensino que propicie uma aprendizagem efetiva e que desperte o seu interesse na busca por novos saberes e conhecimentos. Apresenta, como pressuposto, tratar a pessoa com deficiência como “um ser humano dotado de sentimentos, emoções e elaborações mentais”. Nesse discurso, a APAE-OP afirma que se atem às particularidades do indivíduo, sendo a deficiência entendida como uma de suas múltiplas características, e não como a única configuração possível de sua individualidade (SILVA, 2017, p.73).

Nesta importante abordagem do projeto político pedagógico da Apae é possível observar que mesmo tendo surgido em um contexto clínico, a Apae de Ouro Preto busca expandir seu olhar para além da deficiência, fazendo jus ao próprio termo: “pessoa com deficiência”, onde se busca a humanização da pessoa, fazendo com que a deficiência não seja a sua única marca de sua identificação, afirmando-se a pessoa entre seus sentimentos, suas relações, emoções e pensamentos.

A Apae possui cerca de duzentos e quinze discentes com deficiência matriculados, de todas as idades e com uma grande diversidade de especificidades:

[...]os beneficiários da instituição são alunos de todas as idades com diferentes tipos de deficiência: intelectual, atraso do desenvolvimento neuropsicomotor, distúrbio de equilíbrio, alterações de coordenação motora, diminuição da força muscular, paralisia cerebral, autismo, distúrbio de interação social, traumatismo crânio encefálico, AVC (Acidente Vascular Cerebral), síndrome de Down e outras síndromes (SILVA, 2017, p.77).

Mediante tamanha diversidade de especificidades atendidas, há uma equipe multidisciplinar que atua na Apae o que faz o diferencial desta instituição.

Em seu quadro de funcionários, há profissionais especializados para o atendimento clínico, sendo três fisioterapeutas, um fonoaudiólogo, um terapeuta ocupacional, uma enfermeira e um dentista voluntário do Projeto Sorria. Há também motoristas,

auxiliares de serviços gerais (faxineira e cozinheira), dez cuidadores de crianças, dois servidores pedagógicos, um assistente social, além de 24 professores regentes de turma, três professores eventuais, um professor de Educação Física e três professores de oficina pedagógica (SILVA, 2017, p.75).

Ao apresentar grande número de pedagogos e profissionais da educação, totalizando cerca de trinta e um profissionais, a autora demonstra, a partir do relato da então coordenadora pedagógica da Apae de Ouro Preto, que a instituição não tinha, como objetivo principal, a oferta do sistema educacional e, por isso, teve que passar por uma grande (re)estruturação para atender as leis, passando a oferecer um serviço escolar regulamentado em 2011 (SILVA, 2017, p.76). A partir dessa reformulação, a instituição iniciou atendendo:

Educação Infantil, destinada para crianças até cinco anos de idade; Educação Pré-escolar, destinada às crianças com idade entre quatro e seis anos; Ensino Fundamental, com duração mínima de nove anos; EJA (Educação de Jovens e Adultos), abarcando os Anos Iniciais e os Anos Finais do Ensino Fundamental. Em 2016, foi instaurado, na APAE-OP, o processo de escolarização e profissionalização que se refere a programas de alfabetização e de iniciação para o mercado de trabalho e sua inserção na escola regular (SILVA, 2017, p.77).

É importante ressaltar que este processo de regulamentação da Apae, enquanto instituição educacional, se dá de forma progressiva entre os anos 2011, 2013, 2016, baseados em seus documentos oficiais e muitos esforços para estas realizações, ampliando a oferta de conteúdos pertinentes à escola regular e procurando observar as especificidades dos discentes.

De acordo com o Regimento Escolar (2013), a escola especial da APAE-OP segue a mesma matriz curricular do ensino regular. No caso do Ensino Fundamental, oferece as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências da Natureza, Arte e Educação Física. Trabalha-se como parte diversificada, o Ensino Religioso, a Informática Educacional e a Língua Estrangeira Moderna Inglesa. As ações para a formação profissional dos alunos são específicas, conforme suas características e especialidades. Os cursos disponíveis são: auxiliar de cozinha, vendas e atendimento ao público, office boy, jardinagem, cerâmica e artesanato (SILVA, 2017, p.79).

Assim se entende como vem sendo estruturado e organizado o atendimento educacional na Apae de Ouro Preto. Vale a pena ressaltar que as turmas são compostas por diversas especificidades, colocando em pauta a necessidade de diferentes propostas pedagógicas que o professor precisa desenvolver em sala de aula, a fim de incluir as alunas e alunos para desenvolver os conteúdos, respeitando-se o tempo de aprendizagem entre a diversidade de discentes. Para que as professoras possam atender da melhor forma os discentes, há a existência

de cursos profissionalizantes oferecidos pela própria instituição, a fim de acompanhar as demandas e o desenvolvimento dos alunos e alunas com deficiência.

Conforme a observação de Fabiana Silva, a partir das entrevistas feitas aos profissionais da Apae, os conteúdos programáticos não são almeçados em uma perspectiva somatória ou conteudista, o que se procura é oferecer são projetos pedagógicos variados:

Observamos que as práticas pedagógicas da instituição estão muito voltadas para oficinas e projetos específicos, aspectos muito enfatizados na entrevista como sendo os pontos principais para o desenvolvimento desses alunos com deficiência. De acordo com a professora Joana, são esses projetos desenvolvidos que auxiliam na aprendizagem dos alunos (SILVA, 2017, p.81).

Por isso, a Apae de Ouro Preto recebe uma série de parcerias, a fim de incrementar seu processo pedagógico, promovendo o desenvolvimento pessoal, social, cultural e profissional aproximando-se da pedagogia de projetos, definido pelo chamado Projeto de Vida, o que parece acompanhar uma perspectiva construtivista¹⁶, uma abordagem educacional bastante inovadora dos espaços escolares que busca a interação entre discentes e conhecimento, pela autonomia. Os projetos promovem uma parceria entre Apae e outras instituições de ensino, bem como cria-se um vínculo com a comunidade local, reafirmando seu papel social, oportunizando vivências que somente a instituição não seria capaz de oferecer. Os projetos que integram a instituição são:

- Ser Apae é Ser Comunidade;
- Projeto Inclusão Digital;
- Projeto Mãos à Arte;
- Programa Mercado de Trabalho;
- Coral de LIBRAS;
- Oficina de Sorvete e Picolé;
- Projeto Verde, Verdura, Horta Escola;
- Projeto Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças;
- Festival de Artes;
- Projeto de Extensão Cia. da Gente.¹⁷

Os projetos se dizem respeito à inclusão dos alunos e alunas, seja para o meio profissional, social ou cultural. Tendo como objetivo profissional o Projeto Verde, Verdura,

¹⁶ “O construtivismo exige novas posturas, mudanças no fazer pedagógico, tais como: respeito à individualidade da criança, estímulo à livre expressão, à criticidade, à curiosidade e à busca da solução para conflitos. Permite e estimula a cooperação. Respeita o professor como orientador e responsável pelo processo de ensino-aprendizagem. Não condiciona alunos e professores. Permite a contextualização e revoluciona o conceito de erro” (FRANCO, 1995, p.128).

¹⁷ As especificações de cada um desses projetos podem ser lidas em SILVA, 2017, p.81-82.

Horta Escola, também é utilizado como proposta pedagógica na horta da instituição. O Programa Mercado de Trabalho estabelece relações entre os alunos e alunas a empresas e comerciantes locais, abrindo possibilidades neste campo. A Oficina de Sorvete e Picolé, como o próprio nome sugere, além da formação, busca conseguir arrecadações com a venda dos produtos. Quanto ao Coral de LIBRAS, destinado a alunos e alunas surdas ou com baixa audição, é muito significativo no contexto apaeano, propondo uma oportunidade específica para essas pessoas. O Projeto Inclusão Digital é dedicado ao ensino da informática; ao passo que o desenvolvimento psicomotor é uma das atribuições do Projeto Mãos à Arte, que propõe práticas artísticas visuais e culturais. O Projeto Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças é tão importante para o contexto da educação afrocentrada que é o tema central da dissertação da pesquisadora, uma vez que integra as vivências atuais e conhecimentos ancestrais no contexto ouro-pretano (SILVA, 2017, p.82).

O Projeto de Extensão Cia. da Gente e o Festival de Artes, são responsáveis pela escrita e desenvolvimento deste trabalho. O Festival de Artes é um evento marcado pela apresentação anual do espetáculo teatral desenvolvido pela Apae em parceria com o Cia. da Gente ao decorrer do ano. Expressam no impacto cultural e social, promovem a investigação cênica e a apresentação final, faz com que os alunos e alunas possam quebrar o preconceito social que considera que as pessoas com deficiência são incapacitadas.

É possível concluir que a Apae de Ouro Preto é uma instituição ainda em processo de ampliação para uma melhor inclusão de pessoas com deficiência no âmbito educacional, e que se utiliza das mais variadas formas, ao propor práticas de sociabilidade integradas, dentro e fora da instituição. Buscam-se propostas pedagógicas através das pedagogias de projetos e intervenções socioeducacionais em diversos âmbitos, em especial pela abordagem da arte e do teatro.



Figura 2. Foto da cena final do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto: Nicole Tassar.

III. A Cidade Ideal

O sonho é meu e eu sonho que/ Deve ter alamedas verdes/ A cidade dos meus amores/ E, quem dera, os moradores/ E o prefeito e os varredores/ Fossem somente crianças. Fonte: A Cidade Ideal, “Os Saltimbancos” - Chico Buarque

III.1 O Projeto de Extensão Cia. da Gente

O Projeto de Extensão Cia. da Gente é um projeto mantido pela Fundação Gorceix¹⁸ em parceria com a PROEX¹⁹ da Universidade Federal de Ouro Preto. Teve início no ano de 2005 propondo práticas arte-educativas para instituições ouro-pretanas com o intuito de promover a inclusão cultural e social.

O projeto atua nas seguintes instituições parceiras: Apae de Ouro Preto “Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani”, Lar São Vicente de Paula, Hospital Santa Casa e Pastoral da Criança e da Juventude. Em 2015, o atendimento se ampliou para o Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil – CAPSij. Já em 2018, o projeto criou o coral infantil no Centro de atendimento Dom Luciano da paróquia Cristo Rei da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, estendendo, posteriormente, para a criação do grupo de Violões. Assim, ganhando maiores dimensões, em 2019, o projeto se estendeu para Mariana atuando na Comunidade da Figueira²⁰ (ALVARENGA, SILVA, 2020, p.12, no prelo).

Atualmente, o Cia. da Gente é composto por uma equipe multidisciplinar e conta com vinte e dois bolsistas, estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, organizados em equipes para atender as instituições: Apae de Ouro Preto; Hospital Santa Casa; Lar São Vicente de Paula, CAPSij Ouro Preto; Centro de atendimento Dom Luciano da paróquia Cristo Rei da Igreja com o grupo de coral e violão da Comunidade da Figueira. Cada equipe é formada com no máximo quatro membros, mesclando bolsistas dos cursos de Artes Cênicas, Música,

¹⁸ “Instituição de apoio ao desenvolvimento de ciência tecnologia do setor minero-metalúrgico”. Localizada na R. Carlos Walter Marinho Campos, 57 - Vila Itacolomy, Ouro Preto - MG, 35400-000. Disponível em <http://site.gorceixonline.com.br/> Acesso em 05 de agosto de 2021.

¹⁹ Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto. Localizada no Campus UFOP - Morro do Cruzeiro Bauxita, Ouro Preto - MG, 35400-000. Disponível em <https://proex.ufop.br/> Acesso em 05 de agosto de 2021.

²⁰ A Comunidade da Figueira é uma instituição pertencente à Fundação Marianense de Educação, fundada em janeiro de 1990 pelo Arcebispo Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida. Uma instituição de apoio às pessoas com deficiências com o principal objetivo é o acolhimento, de forma integral, à pessoa com deficiência. CNPJ 22.390.686/0003-79. Localizada na Rua Cônego Amando, 278 - Mariana, MG, 35420-000. Disponível em: <http://www.comunidadeafigueira.com.br/conheca-a-comunidade> Acesso em 02 de agosto de 2021.

Pedagogia, Educação Física e Serviço Social, além disso, o projeto conta como uma bolsista do curso de Jornalismo, que é responsável pela comunicação interna e externa do projeto, bem como pela divulgação e desenvolvimento da imagem do projeto (ALVARENGA; SILVA, 2020, p.12, no prelo).

Além das divisões de equipes para o atendimento nas instituições, o projeto possui uma estrutura formada pelos Coordenadores docentes: Prof.^a Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva²¹ (DEEDU/UFOP) e o Prof. Marco Flávio de Alvarenga²² (DEART/UFOP); por uma Coordenadora Discente, atualmente a aluna do curso de Artes Cênicas (DEART/UFOP) Rosana Luíza Tossige²³; e por uma bolsista para a Comunicação, a aluna de jornalismo Maria Eduarda Gomes²⁴.

Para o desenvolvimento do trabalho nas instituições, cada equipe desenvolve um Projeto Anual, no qual se estabelecem temáticas, objetivos gerais e específicos, bem como são traçadas as propostas pedagógicas baseados em referências teóricas e práticas. Para a escrita deste projeto e a realização das práticas, o Cia. da Gente se baseia em um tripé, formado por Arte, Educação e Sociedade, conforme afirmam os próprios coordenadores:

São áreas norteadoras, sendo que os princípios da singularidade, da alteridade e do direito estão presentes no planejamento e no desenvolvimento de nossas ações junto ao amplo público atendido: crianças, jovens, adultos, idosos, enfermos, deficientes. Observando, reconhecendo e praticando a inclusão, pautamos as atividades a serem executadas, especialmente nas atividades em grupo onde pessoas neurotípicas e neuroatípicas atuam igualmente, lado a lado, conjuntamente. O viés da educação pela arte, fundamentado na democratização de conhecimentos e de recursos artísticos, nos

²¹ “Pós-doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo com parte na University of Wisconsin-Madison (2019-2020), Doutorado (2013) e Mestrado (2008) em Educação - Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas - pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Se especializou em Psicologia da Educação: ênfase em psicopedagogia preventiva pela PUC Minas (2001). É graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé (1995). Atualmente, é professora da Universidade Federal do Ouro Preto, no Departamento de Educação. Atua na graduação, na pesquisa e na extensão universitária. Líder do Núcleo de Estudos Sociedade Família e Escola (UFOP) e vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens, Adultos e Idosos (UFOP) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (UFMG). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da redução das desigualdades sociais e educacionais estudando, principalmente, os seguintes temas: sujeitos e suas especificidades com interface na prática pedagógica, formação docente, educação popular, direito subjetivo e história da escolarização das camadas populares.” Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5864434458843035> Acesso em 18 de julho de 2021.

²² “Mestrado em Artes pela Escola de Belas Artes Curso de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais - EBA/UFMG. Professor Assistente 40DE no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes e Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto - DEART/IFAC/UFOP. Concluiu curso de Música: instrumento canto, pela Fundação de Educação Artística - FEA, em Belo Horizonte, tendo integrado o Grupo de Improvisação Vocal, dirigido pelo Músico Eduardo Álvares Guimarães. Graduado em Administração de Empresas, pela UNA/MG. Preparador Vocal, Diretor de Prosódia, Compositor, ator, cantor, produtor, gestor Cultural. Disponível em Currículo Lattes.” Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5290386618057121> Acesso em 18 de julho de 2021.

²³ Bacharela em Humanidades pela UFVJM, aluna da UFOP, bolsista e coordenadora do Cia. da Gente.

²⁴ Aluna da UFOP e bolsista de comunicação do Cia. da Gente.

traz a possibilidade de ouvir, ampliar a voz e colocar sujeitos marginalizados como protagonistas da própria vida social (ALVARENGA, SILVA, 2020, p.13, no prelo).

É desse modo que o projeto propõe práticas efetivas no que tange a inclusão social e cultural, possibilitando aos bolsistas, estudantes da universidade, desenvolver um olhar atencioso e sensível no trabalho como arte-educador(a)s na perspectiva de uma educação verdadeiramente inclusiva. Vale lembrar que para que este movimento ocorra, é necessária a procura por novas práticas inclusivas, além de diferentes propostas pedagógicas e artísticas já conhecidas, o que demanda recursos e apoio governamental, o que se tornou cada vez mais difícil nos últimos anos.

III.2 Cia. da Gente e a Apae de Ouro Preto

Como dito anteriormente, o projeto iniciou na instituição em 2005 com práticas arte-educativas como oficinas, intervenções e proposições por meio da música e do teatro ao desenvolver trabalhos a partir dos corpos de pessoas com deficiência, procurando conhecer suas especificidades, ao trazer possibilidades de encenação, a partir de processos criativos: “com o intuito de criar, planejar e executar ações que favorecessem o desenvolvimento do potencial criativo, as habilidades cognitivas e corporais e a sociabilidade dos sujeitos” (EBANI et al., 2005, p. 27).

Todos os anos a Apae de Ouro Preto realiza a montagem de um espetáculo teatral que integra todas as áreas do conhecimento do projeto pedagógico, a ser apresentado no final do ano no denominado Festival de Artes da Apae. Este é mais que um evento uma vez que é um projeto que mobiliza todos os discentes e a equipe de trabalho, em uma esfera de respeito e cooperação, ao longo do ano, entre todos os profissionais, apesar de haver, naturalmente, divergências nas proposições para a construção da encenação. Assim, a equipe Apae - Cia. da Gente chega para somar ao corpo de profissionais na construção destes espetáculos. Isso faz com que o Projeto Anual, desenvolvido pelos bolsistas do Cia. da Gente, aborde a temática do espetáculo teatral, nas intervenções durante todo ano, a partir das linguagens integradas: música, teatro, dança entre outras manifestações artísticas.

Com o intuito de documentar essa preciosa parceria entre a instituição e o projeto – nesses 16 anos de existência –, a tabela a seguir registra os espetáculos apresentados nos últimos

dez anos ao tentar demonstrar, as diferentes abordagens nas montagens e nos processos de criação dos espetáculos teatrais apresentados nos Festivais de Arte anuais.



Figura 3. Fonte da Autora. Linha do tempo registrando os títulos das montagens de espetáculos teatrais da Apae de Ouro Preto em parceria com o Cia. da Gente entre 2010-2019.

É importante observar que cada espetáculo apresentado, nesses últimos dez anos, se desenvolveu com uma abordagem teatral diferente e, conseqüentemente, com propostas pedagógicas diferentes para o processo de criação em cooperação. Uma possibilidade vem a ser a criação teatral por processo colaborativo que pode ser entendido como:

Este [o processo colaborativo] se desenvolve a partir da colaboração de todos os integrantes da equipe, desde as pesquisas iniciais até a finalização, sem hierarquia e com interferências mútuas, que não implicam na dissolução das identidades criadoras, mas na sua autonomia e no seu desenvolvimento (ABREU, 2005, p. 14 apud ARAUJO, SILVA, 2021).

Desse modo, nem todos os processos teatrais seriam colaborativos, no entanto, pode se afirmar que têm sido processos de criação coletiva em ampla cooperação. Quando se desenvolvem processos de criação coletivos, já existe um roteiro ou dramaturgia pré-estabelecida para a montagem do espetáculo, enquanto os processos colaborativos se dão por experimentações corporais e improvisações de cenas, construindo, a partir daí, o espetáculo. Neste contexto, não é possível afirmar que os espetáculos decorrentes da parceria entre Apae e Cia. da Gente tenham sido totalmente colaborativos. Por vezes são uma composição dos dois tipos de processos – cooperativo e colaborativo –, entretanto, há registros de montagens que se deram, mais especificamente, pelo processo colaborativo.

Entre 2010 e 2012 não foram encontrados registros detalhados da adaptação dos espetáculos literários “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, “Castelo Rá-Tim-Bum” e “Maria Alice no Brasil dos Apaixonados”, entretanto, como apontado por Everton Lampe de Araujo²⁵ e Carlos Alberto Ferreira da Silva²⁶ em “Educação especial e teatro contemporâneo: o processo criativo de De Lagarta à Borboleta, um vôo pela diversidade e pela autonomia em práticas relacionais”, nos anos de 2010 à 2012, às construções dramáticas “foram inspiradas em programas televisivos infantis ou se deram por meio da transcrição” (ARAUJO; SILVA, 2021, p.3). Isso indica que foram trabalhos com temáticas prévias que acompanharam as narrativas que se aproximam bastante da realidade cultural da Apae de Ouro Preto no contexto nacional e regional.

Nos primeiros anos da análise, 2010 a 2012, portanto, foram dois espetáculos adaptados da literatura, com forte difusão em programas infantis da televisão – O Sítio do Pica-Pau Amarelo, da obra de Monteiro Lobato (1920-1947), ganhando uma série televisiva em 2001, e o Castelo Rá-Tim-Bum de Cao Hamburger, seriado nacional com boas referências educacionais e artísticas que esteve presente na TV brasileira entre os anos 1990 e 1994. No ano de 2012 foi realizado o espetáculo “Maria Alice no Brasil dos Apaixonados” em que é possível observar a aproximação da obra literária de Lewis Carrol²⁷ com a vivência dos discentes ao contextualizar a Alice como Maria Alice no Brasil, e ainda, colocando a personagem no contexto apaeano. É necessário buscar maiores informações acerca desses espetáculos criados entre 2010 e 2012 para a memória dos festivais anuais da Apae de Ouro Preto.

Já nos anos subsequentes, até 2018, ao que parece, as propostas se desenvolveram por outro viés. Com o intuito de trabalhar as potencialidades e possibilidades dos corpos, bem como a construção de um espetáculo que partisse essencialmente do perfil dos alunos e das alunas da instituição, os textos e composições teatrais se deram a partir de experimentações, improvisações e vivência dos próprios discentes.

²⁵ Everton Lampe de Araujo é doutorando em Teatro - Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17436> Acesso em 25 de julho de 2021.

²⁶ Carlos Alberto Ferreira da Silva é Doutor em Artes Cênicas, encenador, performer, ator, produtor teatral. Atualmente, educador Adjunto do curso de Teatro e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Acre. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17436> Acesso em 25 de julho de 2021.

²⁷ Charles Ludwidge Lewis Carrol Dodgson (1832-1898), conhecido apenas por Lewis Carroll (1832-1898) foi matemático, fotógrafo e escritor. Escritor do grande sucesso Alice no País das Maravilhas. Disponível em <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/ile/article/viewFile/4585/5120> Acesso em 02 de agosto de 2021.

Em 2013, a partir da maior abertura e do diálogo construído entre os estagiários e o corpo docente escolar, chegamos à proposta de realizarmos um trabalho interdisciplinar que, no lugar de apenas proceder à criação de uma peça teatral isolada das outras atividades que ocorriam na instituição, buscasse integrar as diversas áreas de ensino-aprendizagem em um único tema. Surgiu assim o projeto “De Lagarta à Borboleta” (ARAUJO; SILVA, 2021, p.4).

“De Lagarta à Borboleta”, também denominado como “Metamorfose: Onde Tudo se Transforma” foi um espetáculo apresentado no ano de 2013, baseado na metamorfose da lagarta ao virar uma borboleta, representando assim, o desenvolvimento da infância para a vida adulta (CUNHA, 2014, p.22). O tema metamorfose não se restringia às experiências teatrais, mas foi um tema tratado nos projetos pedagógicos em sala de aula, ao longo do ano, criando assim uma intimidade dos alunos e alunas com a temática do próprio espetáculo.

Neste processo foi utilizado a metodologia de *Dance Ability* para o processo de montagem do espetáculo, dando ênfase, assim, nos alunos e alunas e não em um texto dramático preestabelecido, como o próprio Felipe Cunha (integrante do Cia. da Gente naquela ocasião) explica no seu Trabalho de Conclusão de Curso.

A *Dance Ability*, também chamada “dança para todos”, é um método que reúne, na dança, no movimento e na comunicação, pessoas com e sem deficiência. Trata-se, de acordo com o site Dance Ability Internacional, de “um trabalho com todas as pessoas que querem dançar”, “um processo criativo baseado na igualdade” e “uma dança integrada que reduz o isolamento”, com “expressão e crescimento pessoal de todas as pessoas. Essa metodologia estimula a expressão livre das pessoas e faz com que a contribuição artística possa partir delas. Além do site, houve contato com a Dance Ability através de vídeos disponíveis na internet por meio do Youtube (CUNHA, 2014, p.26)

Foi na dança teatro, que a equipe do Cia. da Gente daquela ocasião, viu a oportunidade de propor novas vivências e experiências corporais no processo de criação do espetáculo, correlacionando os corpos com deficiência e o desenvolvimento humano com as fases da metamorfose da lagarta ao se tornar borboleta.

No ano seguinte, para a construção do espetáculo, buscou-se um denominador comum, baseado na metodologia de *Dance Ability*, conforme demonstrado por João Paulo Oliveira no seu Trabalho de Conclusão de Curso denominado “ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA: Poéticas sobre corpoafeto”:

Renata²⁸ nos provocou a observarmos qual era o *denominador comum* dos educandos, como nos comunicávamos com o máximo de pessoas, a partir de uma linguagem, na qual, o máximo de envolvidos eram contemplados com a proposta, para assim, seguirmos na busca de práticas horizontais sem direcionar as aulas para núcleos menores ou específicos. Não que seria problemático uma ação desenvolvida com pequenos grupos, mas sim com a necessidade de se comunicar com todos, já que os encontros são para grupos maiores e com diversas possibilidades de corpos (OLIVEIRA, 2018, p.20).

Foram propostas atividades de investigações para entender interesses dos alunos e alunas, procurando um denominador comum em que os bolsistas desenvolveram com a maior parte dos estudantes, respeitando as especificidades dos corpos em cena. Houve experimentações usando diversos livros surgindo, assim, várias possibilidades de cenas advindas de improvisações. Entretanto, houve um exercício realizado com sacolas plásticas de lixo azul, como forma de brincar com a temática do mar, denominador comum encontrado pelo grupo, tendo em vista que vários discentes não o conheciam, enquanto todos tinham grande vislumbre pela sua grandeza e beleza.

Quando surgiu o elemento do mar, vimos que seria um grande motivo para tentarmos desenvolver ações a partir do denominador comum. Foi aí que começamos a descobrir semanalmente propostas de como trabalhar o mar com aquele coletivo. Não que a ação referente aos livros não tenha sido enviesada pela busca do denominador, mas com o mar vimos uma maior possibilidade de concretizar o que buscávamos (OLIVEIRA, 2018, p.23).

Desta forma João Paulo Oliveira explicita o processo a partir das experimentações propostas nas intervenções, das investigações de cenas e improvisações que nasceu “Folheando o Mundo”, a história de músicos viajantes que, para fugir da chuva, se alojam em uma biblioteca e acabam dormindo. Assim, sonharam que viveram grandes emoções com intuito de salvar bailarinas dos ninjas que tinham fugido com elas para a Ásia. Ao encontrar esses ninjas, que só se comunicam em LIBRAS, eles falaram que gostariam de conhecer o Brasil, por isso tinham raptado as bailarinas. No final, os músicos salvam as bailarinas e trazem os ninjas para a comemoração do carnaval (OLIVEIRA, 2018, p.22). Essa narrativa teatral demonstra uma aproximação com a criação coletiva a partir do processo colaborativo desenvolvido pela equipe Cia. da Gente na Apae de Ouro Preto, com ampla participação de todas as pessoas envolvidas em 2014.

²⁸ Renata Mara Fonseca de Almeida, era até então, professora recém-chegada na universidade, na qual sua pesquisa reverbera na dança, inclusão e estética, levando para suas práticas os movimentos a partir de suas sensibilidades corpóreas (OLIVEIRA, 2018, p.19).

No ano de 2015, o espetáculo apresentado foi o “Poesia nos Trilhos – Ouro Preto de Cantos e Encantos” que traz diversos aspectos da cultura regional dos distritos de Ouro Preto. Assim, a encenação é desenvolvida a partir de um trem que percorre os diversos distritos de Ouro Preto, representados pelos alunos e alunas nas cadeiras de rodas. Em cada um dos distritos é apresentada a cultura local como danças, gastronomia, músicas e festividades típicas desses locais. Neste sentido, foram apresentados a capoeira, o congado, a festa da goiaba, entre outras manifestações riquíssimas da região de Ouro Preto. Tudo isso demonstrou o senso de pertencimento local pelos discentes da Apae. A música foi executada, ao vivo, com a participação dos músicos do Cia. da Gente, integrando os diversos quadros de cena.

Na continuação deste ideal de experimentação e construção teatral a partir de improvisações, o espetáculo “A última gota da água” (2016) abordou a conscientização acerca do consumo de água, bem como da qualidade de vida e da necessidade da preservação do meio ambiente, logo, “proporcionou criar músicas, jogos teatrais, jogos musicais, improvisação de cena, construir instrumentos, cenários e objetos de cena com material reciclável” (AÇÕES, 2017, p.43).

Ao refletir sobre os processos de trabalho do Cia. na APAE-OP, percebe-se que as criações artísticas desenvolvidas de modo coletivo, estimulam os educandos a uma ressignificação dos objetos que estão a sua volta e dos espaços de convivência. Os educandos foram também provocados a refletir sobre como vivem e interagem com o outro e com o meio ambiente. A temática e o processo educativo proporcionaram grande socialização durante todo o desenvolvimento do projeto na construção de cenas e personagens, destacando maior relevância, na colaboração dos educandos na criação das músicas em parceria com os bolsistas, onde revelaram enorme prazer em realizar arte (AÇÕES, 2017, p.43).

No trecho citado nota-se que a elaboração coletiva é pertinente e tem grande importância quanto ao desenvolvimento da prática teatral, especialmente nesta temática tão necessária e plural na interface arte e ecologia, possibilitando a investigação dos corpos com deficiência, entendendo as limitações e possibilidades no entendimento das questões ambientais. Além disso, criou-se uma ponte com os conteúdos de outras disciplinas como a biologia, a ecologia, a geografia, ao abordar os aspectos socioambientais tão importantes, no próprio cotidiano das aulas. Tudo isso trouxe o diálogo com as vivências extraescolares propondo uma investigação de novas possibilidades corporais, sensoriais e sociais.

No ano de 2017 foi realizada a montagem do espetáculo ACECIRCO, que foi desenvolvido pelo mesmo viés: da experimentação e improvisação teatral, bem como levou em conta as vivências dos alunos e alunas, de forma que aqueles que tocavam instrumentos

musicais, ou tinham facilidades com malabares, ou ainda possuíam conhecimento em capoeira, entre outras habilidades, pudessem se apresentar no espetáculo que também apresentou quadros sucessivos reunidos pela dramaturgia sob a perspectiva do circo-teatro. O tema circo determinou as expressões, as danças e os quadros de cena, logo, durante o ano, as professoras utilizaram este tema como orientação nos processos educativos, aumentando, assim, o interesse pelas aulas cotidianas, inserindo a ludicidade do circo nas experiências.

O ACECIRCO teve uma reapresentação em 2018, em virtude da impossibilidade da apresentação em 2017 ter acontecido no Teatro Ouro Preto²⁹, uma vez que na ocasião não se conseguiu o agendamento naquele espaço teatral da UFOP. Fazendo com que o espetáculo em 2017 ocorresse no Teatro Casa da Ópera³⁰, o qual não possui capacidade para receber todo o público da Apae, o que deixou, lamentavelmente, muitos familiares dos discentes sem prestigiá-los naquela ocasião.

Em 2019 foi realizada a montagem do espetáculo “Os Saltimbancos”³¹ a partir da adaptação musical de Chico Buarque (1977) que conta a história de quatro bichos: o Jumento, o Cachorro, a Galinha e a Gata, que fogem de seus patrões e patroas autoritários e buscam uma vida melhor na cidade. O texto teatral é uma metáfora das relações de poder, com a expressão das desigualdades sociais e das manifestações das classes oprimidas.

Diferentemente das últimas montagens, “Os Saltimbancos” trabalhou-se com a construção de espetáculo com dramaturgia cênica e musical de uma obra já consagrada. Assim, nessa composição teatral foram atualizadas as personagens, as músicas, inclusive para direcionar quadros coletivos e individuais, marcações de cenas com entradas e saídas, além da tomada de posição no palco, com danças coreografadas, interpretações teatrais, entre outros elementos da cena. Houve, assim, uma apresentação cênico-musical com personagens teatrais e ações cênicas muito bem definidas a partir da dramaturgia preexistente.

Não houve mais montagens de espetáculos teatrais após essa data, em virtude da pandemia mundial do COVID-19 (março de 2020). O agravamento da pandemia fez com que fossem canceladas as aulas presenciais, o que impossibilitou encontros pela necessidade de

²⁹ Localizado no Centro de Convenções na Rua Diogo Vasconcelos n° 328, Pilar, Ouro Preto, MG, 35400-000 com capacidade para 510 pessoas.

³⁰ Localizado na Rua Brg. Musqueira, 104 - Ouro Preto, MG, 35400-000. Com capacidade para 280 pessoas, o Teatro Casa da Ópera tem grandes problemas de inclusão, com poucas rampas para cadeiras de rodas, bem como espaço suficiente para a passagem das mesmas, como por exemplo.

³¹ Disponível em https://www.facebook.com/watch/live/?v=2144944395802531&ref=watch_permalink Acesso em 29 de julho de 2021.

isolamento social. Atualmente, os bolsistas atendem remotamente os discentes da instituição, com pouco acesso a eles e suas famílias, dada a realidade socioeconômica em que, infelizmente, uma grande maioria não possui acesso à internet de qualidade.

É possível observar que esta parceria Apae e Cia. da Gente, ao longo dos anos, traz grandes reverberações, inquietações e questionamentos no que se diz à prática e a experiência teatral entre pessoas com deficiência, bem como para a formação de professores de música e teatro no âmbito da Licenciatura da UFOP por todas essas encenações artísticas realizadas.



Figura 4. Foto do ensaio geral dança da "Galinha" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto: Nicole Tassar.



Figura 5. Foto do ensaio geral, cena do Jumento e do Cão do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar.

IV. Bicharada

Quando o homem exagera/ Bicho vira fera/ E ora vejam só. Fonte: Bicharada, “Os Saltimbancos” - Chico Buarque

IV.1 Os Saltimbancos

O texto “Os Saltimbancos” foi recriado pelo músico, dramaturgo, ator e escritor Francisco Buarque de Hollanda (Rio de Janeiro, 1944) conhecido como Chico Buarque. Traduzido no ano de 1977, este texto conta a história de quatro animais – o Jumento, o Cão, a Galinha e a Gata – que sonham em fugir de seus donos e patrões autoritários para viver uma vida sem opressão e por isso, veem na cidade a possibilidade de viver uma vida plena e feliz como autônomos: sendo cantores. O texto é um musical, portanto, a partir das músicas os personagens se apresentam, contam suas histórias, seus ideais e suas lutas.

“Os Saltimbancos” é considerado uma adaptação do texto “Sérgio Bardotti (*I Musicanti di Brema* – 1976), que, por sua vez, inspira-se no conto dos Irmãos Grimm “Os músicos de Bremen” (1819)” (DANTAS, 2020, p.71). A encenação advém do cenário italiano, mas vale à pena considerar a breve reflexão do contexto e da representação desta obra no Brasil pelas semelhanças de contextos ditatoriais e políticos semelhantes, inclusive pelos movimentos de resistência.

Em meados dos anos 70, data de origem de “Os Saltimbancos”, o Brasil passava por uma ditadura militar que se perpetuou até o ano de 1985. Assim, a representação dos subalternos (operários e pessoas oprimidas) mediante à violência do patrão (classe opressora) é dada pelas personagens dos animais e pelos barões, de forma que a luta por direitos e libertação dos trabalhadores mostra a força da união e resistência em um contexto de ditadura. A partir de uma leitura desta crise política, por meio de elementos infantis, foi possível abordar acerca do tema de opressão e liberdade, Fábio de Souza Dantas exemplifica:

O Jumento, o Cão, a Galinha e a Gata, diante de suas trajetórias vitimadas pelo trabalho alienado, submetidos à exploração contínua de patrões que os descartam, em vista dos esgotamentos físico e psicológico, que lhes tiram qualquer possibilidade de usufruir do ócio, e, por conseguinte, da liberdade de serem autônomos, bem representariam este padrão alternativo de arte. Além do mais, sob uma linguagem e adornos cênicos que fazem referência ao universo infanto-juvenil, os personagens e os demais elementos de cena contribuem na empreitada estética de “ferir para curar”, porém, com a “leveza” cômica que estancaria, talvez, uma recepção mais radical e/ou punitiva por parte desse sistema político opressor (DANTAS, 2020, p.72).

É possível pensar na interlocução dessa dramaturgia com a exclusão de pessoas com deficiência na sociedade, bem como nas desigualdades da própria sociedade que encerra as pessoas em situações de subalternização, menosprezo e, por vezes, inviabilizam suas presenças e desejos. Além disso, o conceito de capacitismo tem denunciado esta visão, uma vez que as pessoas com deficiência são extremamente cerceadas, e há sempre alguém para dizer o que devem ou não fazer, como agir, sentir, por vezes, desumanizando-as.

A relação de insuficiência desses corpos é projetada sobre os sujeitos que são fixados como incapazes devido à sua condição, assim, sem que se faça menção aos fatores ambientais, relacionais, sociais e de variação de possibilidades, que envolve o fato de alguém poder fazer algo ou não, ou ter capacidade para determinada coisa (VENDRAMIN, 2019, p.17).

Portanto, muitas vezes as pessoas com deficiência são tratadas de forma inferiorizada por conta das suas aparências físicas fugirem dos padrões de normalidade impostos socialmente, sendo assim, o termo usado para este tipo de conduta é o “capacitismo” que, segundo Vendramin (2019), “é a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes” (VENDRAMIN, 2019, p.17).

Como já mencionado, diferentemente das últimas montagens que se desenvolveram por um viés colaborativo e improvisacional, o texto dramático foi escolhido pelo corpo docente da instituição e a adaptação dessa dramaturgia musical aconteceu em cooperação com a equipe Cia. da Gente. Um aspecto que pode ter interferido para que esta montagem teatral acompanhasse mais a abordagem dramática, com menores possibilidades de experimentações e improvisações, é que o Cia. da Gente passou uma crise financeira tendo em vista a política nacional de cortes orçamentários, o que resultou na diminuição de bolsistas entre 2018 e 2019. Sendo assim, uma equipe de nove bolsistas passou para apenas dois discentes, resultando, em seguida, em três extensionistas do curso de Artes Cênicas no ano de 2019. De todo modo, é importante assinalar que o corte de verbas para as universidades públicas prejudicou a atuação do Cia. na Apae de Ouro Preto e na construção desta encenação, exigindo bem mais daqueles que continuaram no projeto.

IV.2 O processo criativo

A metodologia do processo de criação teatral do Plano Anual, bem como as propostas pedagógicas foi organizada em dois momentos: o primeiro, composto por aulas práticas abordando conteúdos cênicos-musicais e trabalhos ligados às artes plásticas e visuais. Os conteúdos, por sua vez, foram idealizados a partir da dramaturgia do espetáculo a ser apresentado no final do ano. O segundo momento, é dedicado aos ensaios do espetáculo, onde os bolsistas do Cia. da Gente se reúnem com suas respectivas formações – Artes Cênicas, Música ou Pedagogia – nas etapas de planejamento, criação e realização do projeto teatral/musical, partindo da ludicidade e da magia da ficção em processos criativos da cena.

Entretanto, no ano de 2019 houve modificações nesta metodologia, tendo em vista que não foi possível concluir o projeto de 2018 (por motivos já citados anteriormente), que tinha como objetivo a montagem de uma adaptação do texto “Os Saltimbancos” de Chico Buarque, escolhido pelo corpo docente da Apae, fazendo com que o espetáculo apresentado em 2017, o ACECIRCO, ganhasse mais uma edição. Mesmo o espetáculo de 2018 ter sido o mesmo do ano anterior, no projeto anual foi incluída uma primeira parte da adaptação teatral baseada em “Os Saltimbancos”, o que fez com que o tema fosse trabalhado durante aquele ano, e não apenas no ano de 2019, o ano de montagem de “Os Saltimbancos”.

No projeto de 2019, a equipe era composta apenas por duas bolsistas; Isadora Matricarde e Milena Souza; e contou com a entrada posterior de mais um bolsista: Lucas Rodrigues, possibilitando um atendimento limitado aos cerca de duzentos alunos e alunas da instituição, participantes da montagem teatral. Por isso, foi necessário repensar alternativas para que os discentes não sofressem tanto com isso. Assim, como as propostas pedagógicas do espetáculo já haviam sido trabalhadas no ano anterior, surgiu a ideia de trazer cenas, curtas, contações de histórias e intervenções artísticas para os alunos e alunas, pois, mesmo fazendo um espetáculo teatral e anualmente, o público apaeano tinha pouco contato com apreciações de apresentações externas, seja pela dificuldade de locomoção, falta de oportunidades na vivência de espectadores, até mesmo pela exclusão de pessoas com deficiência, além das poucas possibilidades socioeconômicas de inclusão artística e cultural.

[...] o desafio é também, além de possibilitar o acesso ao bem cultural, poder acompanhar o momento posterior à fruição imediata do espetáculo, importantíssimo para completar a percepção do espectador sobre a obra assistida. Momento também de produção de conhecimento, no qual ele pode refletir a partir de seu próprio patrimônio vivencial. No entanto, esta experiência acaba sendo pontual, na medida

em que são poucas as vivências com o teatro, quando acontecem (ARAÚJO, 2014, p.22).

No Trabalho de Conclusão de Curso de Everton Lampe, nomeado “TEATRO CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO: Encontros possíveis”, de 2014, em que o, então, discente das Artes Cênicas, desenvolveu seu trabalho na Apae, é possível observar o mesmo apontamento sobre a importância de referências artísticas para se tornar espectador, ao citar Flávio Desgranges:

Ir ao teatro não quer dizer rigorosamente ser espectador da peça que está sendo apresentada, da mesma forma que ir ao museu não significa necessariamente participar de um evento estético, já que, segundo Bakhtin, o fato artístico só se completa no momento em que o receptor se distancia da obra, retorna à sua própria consciência e, recorrendo a seu patrimônio vivencial, elabora a sua compreensão dela (DESGRANGES, 2003 apud ARAUJO, 2014).

Portanto, mesmo os discentes tendo participado de atividades teatrais, faltavam referências cênicas e estéticas, enquanto espectadores, o que dificultava outras possibilidades criativas no campo estético e cênico na montagem do espetáculo, resultando na falta de reconhecimento como protagonistas da apresentação teatral que faziam parte.

O Projeto Arte na Apae surge na primeira metade do ano, contando com diversas parcerias, como a participação da Cia. Bem-Te-Vi de Teatro³² com apresentação de contação de histórias com seu espetáculo “A Linguaruda”; participação de esquetes de palhaçaria feita por ex-bolsistas do Cia. da Gente e finalizando com um evento chamado “Apresenta-se Apae”, uma espécie de “Talk Show” feito para os alunos e alunas participarem, com jogos, entrevistas e muita brincadeira.

“Apresenta-se Apae” foi uma atividade que contava com a entrevista dos discentes da Apae, onde dois apresentadores, no caso os bolsistas, eram “palhaços apresentadores”. Assim, desenvolvemos perguntas básicas aos entrevistados que eram os próprios alunos e alunas da

³² “A Cia. Bem-Te-Vi foi fundada em maio de 2018 pelo encontro da atriz e contadora de histórias Marina de Nóbile, natural de Araraquara (SP) e o músico e arte educador Addaê Gomes, nascido na cidade de Carlos Chagas (MG); este encontro se dá pelo ingresso de ambos na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A Cia. atualmente também é composta pela atriz, arte-educadora e produtora Milena Souza, natural de Araraquara. Mesclar experiências de duas regiões tão distintas nesse eixo São Paulo- Minas é o pontapé inicial para despertar no coletivo a vontade de estudar e compartilhar saberes populares brasileiros manifestos pela tradição do conto e do canto. A Cia. atualmente conta com dois espetáculos em seu repertório, sendo eles "As Histórias da Linguaruda" e "Correnteza", além de ministrar oficinas nas áreas de contação de histórias, teatro, teatro de animação, musicalização, brincadeiras populares, folclore e escrita criativa.” Disponível em https://prosas.com.br/empreendedores/33575-cia-bem-te-vi#!#tab_vermais_descricao Acesso em 26 de julho de 2021.

Apae. As perguntas corriam em torno de suas vidas, como por exemplo, do que eles gostavam e coisas do dia a dia (o que fizeram na manhã seguinte, o que comeram etc.) e, para ser entrevistado, bastava os discentes se voluntariarem, enquanto o restante da turma era o público. As apresentações ocorriam no formato de esquetes, em que um primeiro quadro era uma entrevista, o seguinte era o desenvolvimento de um jogo coletivo do tipo “forca”, por exemplo, e o outro era apresentação de uma propaganda, no estilo de um *talk show* da televisão. Os discentes se mantinham muito atentos e se divertiram bastante, logo, este projeto permitiu conhecer melhor os alunos e alunas, tendo em vista que nas aulas, como havia um grande número de discentes, não conseguíamos ter um contato individualizado.

IV.3. A montagem e os ensaios

Já na segunda metade do projeto, no segundo semestre de 2019, se iniciam os ensaios para o espetáculo desta montagem coletiva coordenada pelas professoras da Apae, em parceria com os bolsistas do Cia. da Gente, envolvendo todo corpo discente, o que gerou um campo de convivências e de tensões dadas as divergentes abordagens estéticas e educacionais entre esses educadores. Como já mencionado, o texto da montagem foi escolhido pelo corpo docente da instituição e a adaptação do texto e a criação das danças aconteceram em cooperação: a equipe da Apae e a do Cia. da Gente tendo como referência o espetáculo “Os Saltimbancos” da Odeon Companhia Teatral³³, que teve estreia em 2011³⁴. Além disso, profissionais da instituição e voluntárias foram responsáveis pela escolha e confecção de todo o figurino dos participantes, feitos a partir de material doados pela Fundação Gorceix entre outras pessoas e instituições, assim como, os integrantes do Cia. escolheram e desenvolveram as maquiagens dos personagens.

Assim, o espetáculo foi realizado em formato de quadros sucessivos, espelhando-se, por um lado, em um teatro dramático onde se vê a construção de uma história única, ao passo que por ser coletivo, com um grande número de discentes, ou seja, a abordagem de sucessivos quadros de encenação. Diferentemente de outros processos, se desenvolveu um espetáculo representativo, que de certa forma, já possuíam partituras gestuais e textos definidos, além de

³³ Companhia de teatro localizada Rua dos Inconfidentes, 867, 2º andar. Savassi, Belo Horizonte/ MG, CEP: 30.140-128. Disponível em <http://www.odeoncompanhiateatral.com.br/a-companhia/> Acesso em 03 de agosto de 2021.

³⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WSuwCY7YPf0> Acesso em 25 de julho de 2021.

uma marcação detalhada de movimentos e ordem das cenas. Para o desenvolvimento dos quadros, foram criados núcleos, onde os cerca de duzentos discentes foram organizados:

- Núcleo do Jumento;
- Núcleo do Cachorro;
- Núcleo da Galinha;
- Núcleo da Gata;
- Núcleo dos carrinhos (a cidade);
- Núcleo das crianças;
- Núcleo dos barões e baronesas.

Para a construção do espetáculo optou-se por escolher dois alunos e duas alunas como protagonistas ou narradoras, representando os personagens principais, garantindo o entendimento da história, fazendo com que os restantes dos discentes fossem incluídos nos núcleos que se apresentariam durante as músicas no decorrer do espetáculo. Os discentes escolhidos para atuar como personagens principais eram aqueles que apresentavam melhor dicção e facilidade em decorar textos para favorecer o entendimento da narrativa. Os papéis foram escolhidos pelas professoras da Apae se baseando assim nas limitações e possibilidades dos corpos.

Na dramaturgia optou-se, assim, por encurtar as frases, bem como trocar palavras muito complexas e de difícil pronunciamento por outras menos elaboradas numa adaptação textual e dramática. Além disso, tentou-se criar uma relação e um pensamento fluído entre uma frase/palavra com a outra, de forma com que ficasse mais fácil para o aluno ou aluna lembrar. Além dos diálogos pré-definidos, havia as danças principais das músicas: “O Jumento”; “Um Dia de Cão”; “A Galinha”; e “História de Uma Gata”, em que os restantes dos alunos que faziam parte destes núcleos se apresentavam. Seguem as músicas principais, as quais foram reproduzidas de maneira eletrônicas:

O Jumento

“Jumento não é
Jumento não é
O grande malandro da praça
Trabalha, trabalha de graça
Não agrada a ninguém
Nem nome não tem
É manso e não faz pirraça
Mas quando a carcaça ameaça rachar
Que coices, que coices
Que coices que dá

O pão, a farinha, feijão, carne seca
Quem é que carrega? Hi-ho

O pão, a farinha, o feijão, carne seca
Limão, mexerica, mamão, melancia
Quem é que carrega? Hi-ho
O pão, a farinha, feijão, carne seca
Limão, mexerica, mamão, melancia
A areia, o cimento, o tijolo, a pedreira
Quem é que carrega? Hi-ho [...] ³⁵” (BUARQUE, 1977)



Figura 6. Foto da cena da dança do "Jumento" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar.

Um dia de Cão

“Apanhar a bola-la
Estender a pata-ta
Sempre em equilíbrio-brio
Sempre em exercício-cio
Corre, cão de raça
Corre, cão de caça
Corre, cão chagal
Sim, senhor
Cão policial
Sempre estou
Às ordens, sim, senhor

Bobby, Lulu
Lulu, Bobby
Snoopy, Rocky
Rex, Rintintin

Lealdade eterna-na
Não fazer baderna-na
Entrar na caserna-na[...] ³⁶” (BUARQUE, 1977)

³⁵ Fica aqui disponível o link com a música para quem tiver interesse de acompanhar a letra com a música: <https://www.youtube.com/watch?v=12cNiETGo0c> Acesso dia 06 de agosto de 2021.

³⁶ Fica aqui disponível o link com a música para quem tiver interesse de acompanhar a letra com a música: <https://www.youtube.com/watch?v=6LRkM4QQNmw> Acesso dia 06 de agosto de 2021.



Figura 7. Foto da cena da dança do "Cão" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar.

A Galinha

“A escassa produção
Alarma o patrão
As galinhas sérias
Jamais tiram férias

Estás velha, te perdôo
Tu ficas na granja
Em forma de canja”

Ah! é esse o meu troco
Por anos de choco?
Dei-lhe uma bicada
E fugi, chocada

Quero cantar
Na ronda
Na crista
Da onda[...]³⁷ (BUARQUE, 1977)

³⁷ Fica aqui disponível o link com a música para quem tiver interesse de acompanhar a letra com a música:
<https://www.youtube.com/watch?v=xWIT37lcfYI> Acesso dia 06 de agosto de 2021.



Figura 8. Foto da cena da dança da "Galinha" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar.

História de uma Gata

“[...] Senhor, senhora ou senhorio
Felino, não reconhecerás

De manhã eu voltei pra casa
Fui barrada na portaria
Sem filé e sem almofada
Por causa da cantoria
Mas agora o meu dia-a-dia
É no meio da gataria
Pela rua virando lata
Eu sou mais eu, mais gata
Numa louca serenata
Que de noite sai cantando assim

Nós, gatos, já nascemos pobres
Porém, já nascemos livres
Senhor, senhora ou senhorio
Felino, não reconhecerás³⁸” (BUARQUE, 1977)

³⁸ Fica aqui disponível o link com a música para quem tiver interesse de acompanhar a letra com a música:
<https://www.youtube.com/watch?v=96Nla-SMvp8> Acesso dia 06 de agosto de 2021.



Figura 9. Foto da cena da dança da "Gata" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar.

Como é possível observar, as canções em geral são representativas, elas ligam o personagem à ação, o que convergia aos movimentos e os ritmos das danças. Na cena de “O Jumento”, por exemplo, observamos que ele é feito para carregar coisas, quando propõe “Quem é que carrega? Hi-ho” se diz respeito ao seu trabalho árduo de carregar muito peso, além de citar os produtos que carrega durante suas viagens.

A música do “Cão” está ligada com o seu companheirismo, qualidade concedida ao animal, além disso, sua ação de brincar ao pegar a bola e devolvê-la, ao se mostrar estar sempre atento e disposto a atender os desejos do patrão ou da patroa.

Na cena de “A Galinha”, observamos que ela passa por um momento de dificuldade por não conseguir chocar, o que seria o seu trabalho primordial. Vê a vida mais perto do fim, ao entender que virará canja se não começar a botar ovos, assim, o ritmo da música delimita o movimento das asas. Além disso, nesta dramaturgia, percebemos que a galinha deixa bem claro que seu sonho é cantar.

As danças principais ocasionaram grandes dificuldades no que se diz respeito à coordenação de movimentos e à percepção de corpo no espaço, e um exemplo claro foi durante um dos passos nos ensaios da dança “A Galinha”, em que os bolsistas, mesmo posicionados ao lado dos alunos e alunas, quando iam para um lado, algumas alunas iam para o outro. Outro fator, ainda nesta dança, é quanto ao desenvolvimento dos braços em que se mimetizava o movimento das asas das galinhas, e que foi necessário se entender ao tronco, aos braços e aos ombros, fazendo que trabalhassem a consciência corporal neste estímulo.

Assim como a dança da "Galinha", tivemos dificuldade em outras, entretanto, vimos as danças se concretizarem a partir da grande vontade das alunas e alunos em querer mostrar ao público o que eles sabiam e que podiam. Vimos durante o processo muitos discentes desapontados com suas próprias performances, enquanto colegas os instigavam a superar a performance anterior. Essa esfera de cooperação merece destaque entre os grupos e, talvez, seja a característica mais marcante dos alunos e alunas durante os ensaios: a forma com a qual se propõe a ajudar o parceiro e a parceira que tem dificuldade de caminhar, de mostrar como se fala uma palavra, que tem dificuldade e de propor que continuem fazendo teatro, ressaltando o companheirismo entre eles, tais como os animais dos "Os Saltimbancos". Tudo isso é um diferencial nas turmas apaeanas comparadas a escolas comuns: a união e o coleguismo.

Vale a reflexão que este processo pedagógico, de certa forma, fazia com que os alunos, muitas vezes, se frustrassem ou ficassem menos motivados por conta da estrutura definida do espetáculo: sabiam que tinham algum muito bem delimitado a fazer e, então, se propunha ir em busca daquilo que era proposto.

Além das músicas principais, havia outras: "A Cidade Ideal" (Chico Buarque, 1977), onde os animais idealizam a cidade perfeita; "Minha Canção" (Chico Buarque, 1977), quando as personagens fazem o primeiro ensaio; "A Batalha", que é apenas instrumental e faz referência quando os animais invadem a casa, ou a pousada do bom barão e, por fim, "A Bicharada", que reúne todo o elenco e participantes que ajudaram a construir o espetáculo cantando e dançando juntos.

A música "Minha Canção" teve um arranjo diferenciado, enquanto os principais personagens adormeciam no palco, o grupo de coral infantil do "Centro de atendimento Dom Luciano da paróquia Cristo Rei da Igreja" pelo Cia. da Gente fez uma participação espetacular. Assim, toda essa canção foi cantada pelo grupo, onde todos estavam de pijamas, propondo as integrações entre equipes do Cia. da Gente, as instituições atendidas pelo projeto, além de complementar o próprio espetáculo.

As danças principais não possibilitam a participação de todos e todas, fazendo com que pessoas em cadeiras de rodas, por exemplo, não pudessem participar. Neste caso, houve apenas um aluno de cadeiras de rodas que participou da dança do "Jumento", porque gostaria de ficar perto dos seus companheiros. Foram adaptadas duas cenas com o intuito de integrar grupos específicos: uma para os usuários de cadeiras de rodas – "A Cidade Ideal" – e outra, para os

mais velhos, com dificuldade de locomoção, de forma a respeitar e fazer com que participassem da montagem.

Assim, “A Cidade Ideal” era uma cena que tinha como objetivo retratar a cidade como se fosse uma rua por onde passam muitos carros, enquanto a música vai passando e os animais estão entre estes carros. Para fazer os carros, foi proposto que as cadeiras de rodas fossem personalizadas com o intuito de parecerem carros, assim, os alunos e alunas, em suas cadeiras de rodas, iam de uma ponta a outra do palco sendo conduzidos por outros discentes e professoras. Para caracterização das cadeiras de rodas, foram utilizados papelões coloridos para simular a lataria de um carro e no lugar dos faróis foram colocadas lanternas. Muitas vezes, os alunos e alunas em condição de cadeiras de rodas, não se sentiam bem com a movimentação rápida e com o barulho, mas sempre havia o colega ou professora que estava conduzindo a cadeira para ajudá-lo.

Essa cena, mesmo integrando os usuários de cadeiras de rodas da Apae, foi muito passageira. Esses alunos e alunas não participaram de uma forma mais efetiva, protagonizando, no entanto, se fizeram presentes na cena. É possível entender que todo espetáculo corre em torno dos quatro personagens principais, fazendo com que todo o restante dos participantes fosse coadjuvante e, neste caso, é ainda mais perceptível, já que estes alunos e alunas não estão presentes no palco, apenas transpassam algumas cenas, o que de certo modo, ocorre com frequência em mostras artísticas de grandes grupos escolares.

A inquietação sobre a necessidade de realizar uma montagem sem ter necessariamente protagonista já tinha sido levantada pelo Everton Lampe de Araujo e Carlos Alberto Ferreira da Silva, para a construção do espetáculo “De Lagarta à Borboleta”: “também era questionada a importância de horizontalizar a relevância de cada personagem e de romper com um resultado final da montagem teatral, concentrada historicamente em um protagonista (personagem principal que “aparece” mais que todo mundo)” (2021, p.4).

Em um determinado momento da música: “Mas não, mas não/O sonho é meu e eu sonho que/ Deve ter alamedas verdes/ A cidade dos meus amores/ E, quem dera, os moradores/ E o prefeito e os varredores/Fossem somente crianças” (BUARQUE, 1997), as crianças, interpretando moradores, prefeitos e varredores, iam à frente do palco, juntamente com os personagens principais.

As cenas dos barões e baronesas foram feitas para o grupo com mais idade da Apae, sendo senhoras e senhores com mais de quarenta anos, em que muitos tinham dificuldade ao caminhar. Assim, eles entravam em cena e ficavam sentados, esbanjando dinheiro e riquezas em um cenário que representava a Pousada do Bom Barão até serem expulsos pelos animais.

Finalizando o espetáculo, a música “Bicharada” dava início à celebração alcançada dos bichos por terem vencidos seus patrões e patroas autoritários e dava assim, abertura para todos que contracenaram e produziram o espetáculo entrarem em cena para comemorar o fim de mais uma apresentação.

Inicialmente os ensaios ocorriam nos três períodos separadamente, no pátio da Apae com todos discentes de todas as turmas juntos. Com a diversidade de corpos, as especificidades e as diferentes idades nos grupos, observamos que cada período possuía características semelhantes. No período da manhã, a maior turma das aulas, na grande maioria eram jovens e adultos que não possuíam dificuldade de locomoção e de comunicação, enquanto no período da tarde, os discentes eram em grande maioria pessoas em cadeiras de roda, além de crianças menores, entre um e cinco anos, no entanto, à noite o público é formado por adultos e idosos, sendo a menor turma. Vale a pena ressaltar que não é uma regra rígida, uma vez que há idosos no período da manhã, bem como adultos no período da tarde. Como as aulas aconteciam no pátio da instituição, sem uma sala própria para as aulas, os bolsistas se organizavam em subgrupos para ensaiar cada coreografia.

No primeiro momento de ensaios, eram realizados os ensaios com as danças principais do espetáculo: a do “Jumento”, do “Cachorro”, da “Galinha” e da “Gata”. Enquanto uma dança estava sendo ensinada a um grupo, passo por passo, os participantes de outro grupo ficavam sentados assistindo e, assim, era feita uma rotatividade. Inicialmente eram dois grupos e, depois, passaram a ser os quatro subgrupos, lembrando que as danças são referentes aos personagens principais.

No segundo momento, depois de algumas semanas ensaiando as danças principais, os ensaios foram direcionados para outras coreografias: a “Cidade Ideal” e a “Pousada do Bom Barão”, ensaiando, simultaneamente, os diálogos com personagens principais, o entendimento do texto e das falas, bem como a interpretação das personagens.

Os alunos e alunas não tinham o texto disponível em papel, então, uma professora ficava responsável por falar e, assim, o aluno teria que repetir, dadas as dificuldades de leitura e escrita,

ou seja, de alfabetização neste contexto. Por meio desta repetição o aluno decorava o texto, de acordo com suas condições de memorização e atuação. Percebemos que apesar do texto estar decorado, muitas vezes, o aluno-ator não entendia o contexto da cena, mesmo tendo ouvido a história e visto uma das montagens do espetáculo pelas mídias, o que dificultava, o desenvolvimento da cena. Foi feito um trabalho de passagem de texto, na qual se instigava o aluno-ator ou a aluna-atriz a pensar e responder questões simples como: por que você fala isso a essa hora? Por que você vai para aquele lugar? O que facilitou o entendimento, já que ele não estava apenas decorando, mas fazendo parte da dramaturgia.

A terceira fase foi o momento em que os ensaios foram realizados de forma geral, do início ao fim do espetáculo, somando todas as cenas, não apenas as principais. Houve dificuldades nesta etapa, tendo em vista a grande quantidade de discentes em cena (cerca de duzentos discentes). Houve uma grande ausência dos participantes durante os ensaios, fazendo com que nenhum ensaio geral fosse realizado com todos os participantes e com o pouco tempo de ensaio, foi possível observar que os alunos e alunas não tinham conhecimento total de suas cenas, falas ou danças, o que foi sendo adaptado no contexto de reunião geral.



Figura 10. Foto da cena da "Cidade Ideal" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto de Nicole Tassar.

V. Considerações finais

O movimento apaeano surge a partir de um contexto de atendimentos às pessoas com deficiência baseados em atendimentos clínicos, o que se reverberou na estruturação desta instituição, que se baseiam em laudos médicos e um quadro de profissionais das mais variadas formações do campo clínico/médico, além dos demais profissionais. Ademais, a instituição atua de forma exclusiva com a pessoa com deficiência intelectual e múltipla, distanciando de outras crianças que não se encontram dentro do perfil de pessoas com deficiência intelectual ou múltipla, fazendo com que não haja a inclusão no âmbito educacional como um todo.

Entretanto, vale a ressalva de que o sistema educacional público regular não oferece condições específicas mínimas, ou seja, não está preparado para receber este público nas escolas comuns. Os professores não receberam formação específica para atender alunos e alunas com deficiência, além de muitas vezes, serem os únicos responsáveis por lidar com a diversidade de corpos e individualidades dos discentes, ficando sobrecarregados. Os planos e propostas pedagógicas não são feitos para atender as individualidades e diversidades corporal, social e econômica das alunas e alunos, e isso transparece na quase total exclusão de corpos com deficiência nas salas de aulas das escolas da região de Ouro Preto, inclusive porque os espaços físicos não estão adaptados.

Entendemos que a APAE-OP deve atuar necessariamente como uma instituição de apoio, não como uma educação substitutiva, visto que há pessoas com deficiência que vão demandar alguns cuidados específicos. Nesse sentido, as APAEs cumprem essa função que a escola regular não dá conta. Mas estar em uma instituição especializada não deve impossibilitar que o aluno com deficiência seja incluído na escola regular, podendo estar e participar de todos os espaços como qualquer indivíduo (SILVA, 2017, p. 84).

De fato, o objetivo educacional da Apae é fazer com que os estudantes que demandam do acompanhamento da instituição estejam simultaneamente, ou pelo menos que entrem posteriormente, na escola comum, mas, nem sempre isso acontece, pois, nem sempre o aluno ou aluna se sente à vontade ou acolhido(a) em instituições educacionais comuns, ou a própria instituição não tem estruturas físicas ou pedagógicas de recebê-los(as).

Assim, embora existam situações limítrofes e complexas na instituição Apae, não há como negar que este movimento contempla a pessoa com deficiência em três aspectos que passam por um lugar de exclusão que é o social, profissional e educacional. Enquanto não

houver escolas mais bem preparadas, com todos os recursos adequados para atender e receber pessoas com deficiência, instituições como a Apae são extremamente imprescindíveis.

Há que se considerar o espaço que esta instituição representa: é neste contexto que os alunos e alunas têm a oportunidade de criar afetos, relações, além de se divertirem, de se questionarem e de se comunicarem. E isso acontece não só por conta das aulas e do espaço escolar, mas pela promoção de projetos e eventos sócios culturais, artísticos e de intervenções com as instituições parceiras.

As intervenções do Projeto Cia. da Gente, neste contexto, são de grande impacto, sendo um dos projetos que atende a instituição apaeana de Ouro Preto, ao longo 16 anos de parceria. O Cia. e a Apae de Ouro Preto criaram espetáculos teatrais incríveis ao longo do tempo, exemplificados pelas últimas oito montagens teatrais – 2010 a 2029 – demonstrando a presença cênica dos estudantes com deficiência no contexto cultural da cidade, que já convive e aguarda os seus espetáculos anuais.

Feito a partir de projetos pedagógicos anuais, as intervenções educacionais e artísticas ocorrem em dois momentos: investigando as possibilidades do corpo e criando encenações, experimentações que resultam o espetáculo teatral. Ao investigar corpos e suas potencialidades, cria possibilidades de diálogos entre alunos e alunas e a prática teatral, experimenta-se recursos lúdicos, ampliam a sensibilidade sensorial com os trabalhos entre formas, texturas e sons, ou apenas em estar lá, se fazer presente construindo uma rede de afetos.

As intervenções propostas pelos bolsistas do Cia. estimulam os estudantes da Apae a extrapolarem seus corpos, sua criatividade e criam uma esfera de coleguismo e de companheirismo entre os grupos, além de proporcionar que se posicionem como sujeitos ativos na sociedade, melhorando a autoestima e o sentimento de pertencimento sociocultural.

O teatro oferece ao portador de necessidades especiais, acima de tudo, a oportunidade de atuar como SUJEITO no mundo, opinando, criticando, transformando, modificando a ótica social, perpetuando novas ideias, afirmando uma nova história, enfim, mudando o cenário de discriminação no qual está inserido. Uma nova cena se constitui da margem ao CENTRO; teatro, é, portanto, em conformidade com BROOK (1970), instrumento de autoafirmação e registro da passagem do homem pelo mundo (REIS et al, 2002).

Apesar da citação utilizar um termo já superado – portador de necessidades especiais – a afirmação feita é de grande relevância, pois reafirma a importância do processo teatral na formação dos sujeitos, das pessoas com deficiência em âmbito social. A cada ano, os resultados

dos experimentos teatrais têm se mostrado muito positivos, tendo em vista o desenvolvimento dos processos propostos, a alegria demonstrada pelos estudantes, seus familiares e professores. Além dos jogos e das atividades cênicos-musicais desenvolvidas na primeira fase, o processo de valorização da pessoa e a prática com os recursos do universo teatral tem permitido aos discentes a exploração de seus movimentos corporais, pela atuação e pela dança; o desenvolvimento da fala, por meio dos textos e diálogos. É preciso observar que uma apresentação cênico/musical para a comunidade quebra os estigmas de representação social impostos pela sociedade e propõe uma transformação estética nos palcos teatrais pela presença das pessoas com deficiência em territórios centrais e públicos da cidade.

Quanto à própria criação e à construção do espetáculo teatral, é perceptível que no decorrer desses dez anos houve diferentes formas de processos da experimentação teatral. Como apontado por Felipe Lopes da Cunha, não, necessariamente, se deve pensar qual é a melhor, mas que há diferentes tipos de abordagens para composições coletivas entre pessoas com deficiência da Apae de Ouro Preto. Em “Os Saltimbancos” a estrutura foi dramática, incluindo a dança nas coreografias coletivas, o que se difere nos procedimentos da “De Lagarta à Borboleta”, por exemplo, onde se constata uma construção colaborativa e investigativa dos corpos se aproximando dos procedimentos da dança-teatro e da performance.

Vale a pena a reflexão acerca dos processos e experimentações cênicos teatrais: buscase a autonomia e investigações de corpos, passando pelos processos de autoconhecimento físico e socioemocional, integração de todas as pessoas, portanto, vale a pena avaliar qual processo permite essa vivência real do sujeito, não apenas uma experiência passiva.

Ademais, é preciso destacar a reflexão sobre este espaço de formação de educadores. Durante o processo de criação é possível ver a falta de um espaço de diálogo, para além do Cia. da Gente, para se discutir novas propostas pedagógicas, experimentações cênicas/teatrais e dificuldades e projeções. O projeto foi o espaço que possibilitou o diálogo sobre a diversidade de corpos, as proposições como arte-educadora e as discussões necessárias para melhor conhecimento de vida entre as pessoas com deficiência.

Concluindo, o movimento apaeano se faz necessário dentro da realidade da pessoa com deficiência nos dias atuais, bem como há a necessidade de se criar projetos que pensem e propõem a prática teatral de forma a trabalhar com a autonomia, o desenvolvimento, a expressão corpórea e a inclusão. Há a necessidade da inclusão cultural dos alunos e alunas com deficiência

em museus e instituições artísticas. É importante criar redes de apoio dentro da universidade de forma efetiva a fim de pensar e realizar a arte inclusão para pessoas com deficiência.



Figura 11. Foto da cena dos quatro personagens principais do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto: Nicole Tassar.



Figura 12. Foto da cena da "Pousada bom Barão" do espetáculo "Os Saltimbancos" (2019). Foto: Nicole Tassar.

REFERÊNCIAS

- ALVAGARENGA, Marco Flávio; SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva. Pensar diferente, fazer diferente. **Ações Sociais da Fundação Gorceix em revista: CIA. da Gente.** p. 12-13, dezembro, 2020. No Prelo.
- ALVAGARENGA, Marco Flávio; SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva. APAE. **Revista de Responsabilidade Social da Fundação Gorceix.** Disponível: <https://site.gorceixonline.com.br/download-jornal-informativo/3816b57ede1dfa5f0f996b034035769491503> Acesso 29 de julho de 2021.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação.** 1. Ed. São Paulo: Moderna, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria de Consolidação nº 555/2007, Portaria nº 948/2007, de 07 de janeiro de 2008. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf> .
- BUARQUE, Chico. **Os Saltimbancos.** Rio de Janeiro. Universal Music.1977.
- CASCÃO, José Alberto; FRANÇA, Thiago. **Rede Mineira das Apaes: Um Retrato Preto e Branco - II,** 2016. Disponível em <https://www.uniapaemg.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Rede-Mineira-das-Apaes-Um-Retrato-em-Preto-e-Branco-Vol.-II-1.pdf> Acesso em 26 de julho de 2021.
- CUNHA, Felipe Eduardo Lopes da. **Arte Educação Especial: uma experiência de vivência sensíveis.** 2018. 54. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas, do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/MG. 2018. No prelo.
- DANTAS, F. DE S. Os Saltimbancos. **Letras & Letras,** v. 36, n. especial, p. 68-84, 26 nov. 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/50640> Acesso em 20 de julho de 2021.
- EBANI, Almiro et al. Na companhia do carinho e afeto na APAE de Ouro Preto. **Fundação Gorceix,** Ouro Preto, Edição Comemorativa, p.26-29, 2015. Disponível em: <https://site.gorceixonline.com.br/download-jornal-informativo/f94591b2685bd57a21d4672243701a7f34449> Acesso dia 18 de julho de 2021.
- EDUCERE - Congresso Nacional de Educação, XII, 2015, PUCPR. **História da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais: Desafios e perspectivas na Educação Inclusiva.** p. 29075.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, **Política de Atenção Integral e Integrada da Rede Apaes.** Equipe elaboradora: Erenice Natália S. de Carvalho – Coordenadora; Erivaldo Fernandes Neto; Ivone Maggioni Fiore; Maria Helena Alcântara de Oliveira *et alli.* Brasília: Apaes Brasil, Fenapaes, 2021. Disponível em: <https://media.apaebrasil.org.br/FENAPAES-CARTILHA-POLITICA-DE-ATENCAO-INTEGRAL-E-INTEGRADA-DA-REDE-APAE-Web.pdf> Acesso em 26 de junho de 2021.
- FRANCO, Ângela. **Construtivismo: uma ajuda ao professor.** Belo Horizonte, MG: Ed.Lê, 2ª Edição, 1995.
- LAMPE DE ARAUJO, E.; FERREIRA DA SILVA, C. A. Educação especial e teatro contemporâneo: o processo criativo de De Lagarta à Borboleta, um voo pela diversidade e pela autonomia em práticas relacionais. **DAPesquisa,** Florianópolis, v. 16, p. 01-13, 2021. DOI: 10.5965/1808312915252020e0038. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17436>. Acesso em: 19 jul. 2021.
- LAMPE DE ARAUJO, Everton. **TEATRO CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO Encontros possíveis.** 2014. 51. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas, do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/MG. 2014. No prelo.
- MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa. Comissão de Educação, Ciência e Tecnologia. **Apaes de Minas em foco: realizações e desafios.** Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2014. p.130 Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/11377> Acesso em 26 de julho de 2021.
- OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro. Corpos Diferenciados na Cena: do Freak Show ao Teatro Contemporâneo. **Revista Cena em Movimento,** Porto Alegre, n. 3 (2013) Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cenamov/article/view/35662/26342> Acesso em 4 de jun. de 2021

OLIVEIRA, João Paulo. **ATÉ ONDE A VISTA ALCANÇA: Poéticas sobre corpoafeto**. 2014. 69. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas, do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/MG. 2014.

REIS, Nivânia M. Melo; LEISTER, Adriana Izabel e SANTOS, Clóvis Domingos dos em “Encena- Teatro e Inclusão”. **Caderno de Textos 2 Arte sem barreiras: educação, arte e inclusão**. 1-166, março de 2002.

SILVA, Fabiana Siqueira. **O CONGADO NA EXPERIÊNCIA ESCOLAR DA APAE DE OURO PRETO: Um estudo de caso sobre a cultura congadeira no contexto da educação especial**. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o Capacitismo. In: **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**, III, 2019. ISSN: 2675-6137. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389> Acesso em 25 de julho de 2021.